

Ana Elizabeth Tourinho Saraiva

**SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL II
DA ESCOLA OGA MITÁ: um estudo avaliativo**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação da Fundação Cesgranrio,
como requisito para obtenção do título de
Mestre em Avaliação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ligia Gomes Elliot

Rio de Janeiro
2014

S243s Saraiva, Ana Elizabeth Tourinho.
Sistema de Avaliação da aprendizagem no ensino
fundamental II da escola Oga Mitá: um estudo
avaliativo / Ana Elizabeth Tourinho Saraiva. - 2014.
73 f.; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ligia Gomes Elliot.
Dissertação (Mestrado Profissional em Avaliação) -
Fundação Cesgranrio, Rio de Janeiro, 2014.
Bibliografia: f. 66-67.

1. Aprendizagem – Avaliação – Rio de Janeiro (RJ). 2.
Ensino Fundamental – Rio de Janeiro (RJ). I. Elliot, Ligia
Gomes. II. Título.

CDD 371.270981

Ficha catalográfica elaborada por Anna Karla S. da Silva (CRB7/6298)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

ANA ELIZABETH TOURINHO SARAIVA

**SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL II
DA ESCOLA OGA MITÁ: um estudo avaliativo**

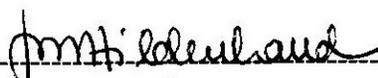
Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação da Fundação Cesgranrio,
como requisito para a obtenção do título
de Mestre em Avaliação

Aprovada em 29 de abril de 2014

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. LIGIA GOMES ELLIOT
Fundação Cesgranrio



Prof^a. Dr^a. LUCÍ MARY ARAÚJO HILDENBRAND
Fundação Cesgranrio



Prof^a. Dr^a. LÚCIA REGINA GOULART VILARINHO
Universidade Estácio de Sá

Dedico a todos os estudantes das redes de ensino público e privado, das escolas onde trabalhei durante esses 37 anos de magistério, que foram ou que são vítimas de uma avaliação autoritária, classificatória e excludente.

Dedico à Escola Oga Mitá, lugar em que a avaliação e os avaliadores estão, verdadeiramente, a serviço das aprendizagens dos estudantes. Escola em que Raphael, Maria Fernanda e Eduardo, meus filhos, tiveram o privilégio de estudar.

Dedico ao Rubens Carneiro de Souza Saraiva (*in memoriam*) e à Terezinha Saraiva, meus pais, por todos os motivos que levam um filho a dedicar algo de grande apreço a seus pais.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Carlos Alberto Serpa de Oliveira que viabilizou, por meio de uma bolsa de estudos da Fundação Cesgranrio, a realização do meu Mestrado. Obrigada!

À Professora Doutora Ligia Gomes Elliot que foi ponte para que eu pudesse realizar este Mestrado, que me deu a honra de tê-la como orientadora e que alimentou, com as suas ideias, as minhas ideias, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento deste estudo avaliativo. Obrigada!

Às Professoras Doutoras Lucí Hildenbrand e Lúcia Regina Goulart Vilarinho que muito me honraram, aceitando o convite para participar da Banca Examinadora. Obrigada!

Aos meus professores do Mestrado que, pelas ricas contribuições de suas aulas, tornaram-me, seguramente, uma pessoa melhor e, em especial ao Professor Doutor Jorge Ferreira da Silva (*in memoriam*) por ter sido o primeiro mestre a me conduzir por essa boa estrada. Obrigada!

A todos os funcionários do Mestrado, em especial à Nilma Gonçalves Cavalcante e Valmir Marques de Paiva, pelo espírito de solidariedade e pelo apoio prestado ao longo desta trajetória. Às bibliotecárias Anna Karla Souza da Silva e Alessandra Hermogenes Rodrigues, pelo apoio para a realização desta dissertação. Obrigada!

Ao Professor Doutor Aristeo Gonçalves Leite Filho, Diretor Geral da Escola Oga Mitá, pela confiança em meu trabalho, abrindo portas, alma, livros e janelas da Escola Oga Mitá para que eu pudesse ter acesso a todas as informações necessárias para que este estudo avaliativo pudesse acontecer. Obrigada!

Aos professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio da Escola Oga Mitá, meus queridos companheiros de trabalho com quem compartilho esperanças educacionais, pela disponibilidade, pelo incentivo e pela torcida durante a realização deste estudo. Obrigada!

Ao Guilherme Borges Pacheco Pereira que foi olhos, mãos, ombro, razão e coração durante todo o meu tempo de ler e de escrever para a realização deste estudo. Obrigada!

À Rosaura Maria Braz, simplesmente porque aposta sempre as suas fichas em mim, mesmo quando a chance de não ganhar pode parecer grande. Obrigada!

RESUMO

O presente estudo visou avaliar o modelo de Avaliação da Aprendizagem do Ensino Fundamental II da Escola Oga Mitá, a partir da percepção dos professores que atuam no Ensino Fundamental II da escola e do Diretor Geral, mentor do Projeto Pedagógico da Escola Oga Mitá. Foi utilizada a abordagem da avaliação por objetivos. Para a coleta de dados, utilizou-se uma entrevista semiestruturada junto ao Diretor Geral e um questionário com questões abertas, aplicado aos professores. Foram identificados os pontos positivos e negativos do modelo de avaliação e identificado o grau de coerência entre os objetivos da avaliação manifestos na Proposta Pedagógica e a prática real da avaliação da aprendizagem. O foco na aprendizagem, o respeito às diferenças individuais, a possibilidade de contribuir para a formação de um sujeito crítico, responsável e autônomo, a metacognição, o processo dialógico, a autoavaliação do estudante, o diagnóstico continuado com *feedback* imediato, a eficácia e a precisão são os pontos positivos apontados pelos atores. Como pontos negativos identificou-se a sobrecarga de trabalho que este modelo de avaliação exige dos docentes, a possibilidade de falseamento da avaliação por parte dos discentes, o pouco tempo disponível para a realização do processo e a imprecisão na quantificação nas faixas de valores de notas. O resultado sinalizou que os professores estão cientes da Proposta Pedagógica e do que é preconizado por esta proposta, para a avaliação da aprendizagem. As práticas de avaliação da aprendizagem estão alinhadas com os objetivos contidos nos documentos doutrinários da escola.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem. Ensino Fundamental II. Avaliação por objetivos.

ABSTRACT

The present study aimed to evaluate the Learning Process Evaluation Model at Oga Mita School for Middle School, from the perception of teachers who work at this level as well as its Principal and mentor of the pedagogic project. It was adopted the evaluation approach based on objectives. For collecting data, it was used an interview with the school's Principal and a questionnaire with open questions for the teachers. They identified the pros and cons of such evaluation process and the degree of coherence between evaluation objectives in the pedagogic project and actual evaluation practice of the learning process. The positive aspects were the focus on the learning process, respect to individual differences and needs, possibility of contributing to the upbringing of a critical citizen, metacognition, dialog process, student's self-evaluation, continuous diagnosis with immediate feedback, efficacy and accuracy. Negative aspects pointed out were the demanding overload of work required from the teachers, possibility of a fake evaluation by the students, the small amount of available time for evaluation realization, and inaccuracy in the grade levels grid. The result pointed out that the teachers are aware of the Pedagogic Project and what is expected for the learning process evaluation. The evaluation practices of the learning process are aligned to objectives included into school doctrinal documents.

Key words: Learning process evaluation. Middle School. Evaluation based on objectives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Perguntas avaliativas e indicadores correspondentes.....	33
Quadro 2	Correspondência entre itens dos instrumentos e questões do estudo.....	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Elementos Fundamentais da proposta Pedagógica na Perspectiva dos Docentes da Escola Oga Mitá.....	44
Tabela 2	O processo de avaliação na escola na opinião dos professores.....	46
Tabela 3	Etapas do processo de avaliação da aprendizagem.....	47
Tabela 4	Aspectos positivos do modelo de avaliação da aprendizagem.....	49
Tabela 5	Aspectos negativos do modelo de avaliação da aprendizagem.....	50
Tabela 6	Aspectos positivos da autoavaliação discente no processo da avaliação da aprendizagem.....	53
Tabela 7	Aspectos negativos da autoavaliação discente no processo de avaliação da aprendizagem.....	55
Tabela 8	Conhecimento da Proposta Pedagógica da Escola Oga Mitá sobre a avaliação da aprendizagem.....	57
Tabela 9	Em que medida a forma do processo de avaliação da aprendizagem atende à Proposta Pedagógica da escola.....	58
Tabela 10	Sugestões dos professores sobre avaliação da aprendizagem.....	58

SUMÁRIO

1	DISCUTINDO A AVALIAÇÃO NA ESCOLA.....	11
1.1	A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA OGA MITÁ.....	14
1.2	OBJETIVO E RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	16
2	O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DA ESCOLA OGA MITÁ.....	17
2.1	O <i>LOCUS</i> DA AVALIAÇÃO.....	17
2.2	O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	20
2.2.1	A autoavaliação discente.....	25
2.2.2	A recuperação dos objetivos de ensino.....	27
2.2.3	Os conselhos de classe.....	31
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	33
3.1	QUESTÕES AVALIATIVAS.....	33
3.2	ABORDAGEM DA AVALIAÇÃO.....	34
3.3	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO.....	34
3.3.1	Entrevista.....	35
3.3.2	Questionário.....	36
3.3.3	Dados advindos da participação.....	37
3.4	COLETA E TRATAMENTO DE DADOS.....	37
4	RESULTADOS.....	39
4.1	ENTREVISTA COM O DIRETOR DA ESCOLA OGA MITÁ.....	39
4.2	A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DA ESCOLA OGA MITÁ – ENSINO FUNDAMENTAL II.....	43
5	CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	62
5.1	CONCLUSÕES.....	62
5.2	SUGESTÕES.....	64
	REFERÊNCIAS.....	66
	APÊNDICE A - Questões elaboradas para a entrevista com o Diretor da Escola Oga Mitá.....	69
	APÊNDICE B - Questionário para os Docentes do Ensino Fundamental II da Escola Oga Mitá.....	70
	ANEXO A - Ficha de Avaliação do Primeiro Trimestre de 2013.....	72

1 DISCUTINDO A AVALIAÇÃO NA ESCOLA

No âmbito da história da educação, a avaliação da aprendizagem passou por diferentes fases e concepções. Desde o início do século XX, porém, a avaliação da aprendizagem tem se apoiado no conceito de “mensuração da alteração do comportamento” (TEIXEIRA; NUNES, 2008, p. 105). Este modelo tornou-se hegemônico, tendo a prova como seu instrumento principal e, às vezes, exclusivo. Esta concepção, com suas pequenas variações, foi assimilada pelo senso comum, que, de certo modo, acabou contribuindo para a garantia da sobrevivência deste paradigma de avaliação da aprendizagem. Contudo, a avaliação da aprendizagem tem sido objeto de reflexão de estudiosos, uma vez que se mostra paradoxal e insuficiente para os propósitos educacionais, pois é evidente que a avaliação não pode ser reduzida e confundida com as ações de medir, corrigir e qualificar o aluno (TEIXEIRA; NUNES, 2008).

Para Haidt (2002), essa associação entre a avaliação e a ideia de aferição do conhecimento, tão comum nos ambientes escolares, é fruto de uma pedagogia conservadora, mais tradicionalmente dominante onde a educação é concebida como “mera transmissão e memorização de informações prontas e o aluno é visto como um ser passivo e receptivo, e como consequência, a avaliação se restringe a quantidade de informações retidas” (HAIDT, 2002, p. 286).

Esta ideia, porém, é demasiadamente ampla, genérica e inespecífica, de tal modo que parece ocultar as dificuldades cotidianas e as disfunções presentes nos processos avaliativos escolares. Para LUCKESI (2005) o que existe na prática da avaliação da aprendizagem é apenas uma verificação, onde fica evidente que,

Os resultados da aprendizagem usualmente têm a função de estabelecer uma classificação do educando, expressa em sua aprovação ou reprovação. O uso dos resultados encerra-se na obtenção e registro da configuração da aprendizagem do educando, nada decorrendo daí. (LUCKESI, 2005, p. 76).

O autor indica que a avaliação da aprendizagem deve supor uma “coleta, análise e síntese dos dados que configuram o objeto da avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade” (LUCKESI, 2005, p. 76). A verificação,

diferentemente da avaliação, parece não contemplar as necessidades das aprendizagens dos estudantes, pois não contem significado e não sugere ações didáticas além da promoção ou reprovação dos alunos.

É importante destacar que a avaliação somente se concretiza quando existe uma tomada de decisão. A esse respeito, Luckesi (2005, p. 55) afirma que,

A avaliação da aprendizagem não se encerra com a qualificação do estado em que está a aprendizagem do educando ou dos educandos. Ela obriga a decisão e só se completa com a possibilidade de indicar caminhos mais adequados para uma ação, que está em curso.

Barriga (1982, apud ESTEBAN, 2002, p. 112) aponta a inexistência de uma teoria de avaliação verdadeira e considera que, “o percurso teórico tem favorecido o desenvolvimento de uma teoria de medida, permeada pela lógica do exame, e a criação de mecanismos para ocultá-la sob um conceito insuficiente de avaliação.”

Nessa perspectiva, o autor alerta para a necessidade de se romper com o paradigma epistemológico que circunscreve o processo avaliativo para que se possa elaborar uma teoria de avaliação que ultrapasse os limites da teoria da medida, e que implemente práticas pedagógicas significativas, permitindo que a avaliação ocupe o lugar da investigação.

Teoricamente, se inqueridos, todos que lidam com a avaliação possuem um discurso de que a avaliação existe para cumprir a função de caráter diagnóstico e que seus resultados estão a serviço de reformulações e melhorias no processo de ensino e aprendizagem. Raro aquele que diz que a avaliação tem outra função senão esta, como relata Vasconcellos (1998, p. 13),

Do ponto de vista do novo ideário pedagógico, já não é novidade um certo discurso de que a avaliação é um processo contínuo que visa a um diagnóstico. Existe uma reflexão crítica nacional sobre a temática desde o início dos anos 80 e, no entanto, percebemos que as práticas de sala de aula pouco têm mudado.

Apesar dos avanços na literatura, nas discussões e nas práticas educacionais, ainda é usual o modelo tradicional e autoritário da avaliação em que o objetivo parece ser o de constatar, validar a constatação e aprovar ou reprovar alunos. Os efeitos desta forma de avaliar, que em geral são nocivos, resultam de

uma concepção que provoca a falta de segurança e a baixa autoestima no estudante, levando-o, muitas vezes, a desacreditar em sua capacidade de aprender.

Nessa perspectiva, o que deveria servir para acompanhar o processo de desenvolvimento dos aprendentes, converteu-se em um mágico poder, instituindo-se, por vezes, como elemento de controle, dominação e exclusão.

Essa prática na avaliação é de fácil entendimento, na medida em que, segundo Esteban (2002), a avaliação utilizada pelas escolas é fundamentada em teorias de caráter conservador que entendem a educação como uma atividade a serviço da reprodução.

Ainda, segundo a mesma autora (ESTEBAN, 2002, p. 120), a análise proporcionada por tais formulações teóricas faz com que os determinantes sociais da avaliação escolar sejam frequentemente ocultados pela pretensa objetividade e neutralidade que fundamentam as técnicas avaliativas.

A avaliação que se deve buscar é exatamente aquela que consegue acompanhar o processo das aprendizagens e deve abranger, segundo Vasconcellos (1995), três aspectos que são básicos à tarefa de educar: o trabalho com o conhecimento, o relacionamento interpessoal e a organização da coletividade. O que se verifica é que, na maioria dos processos de avaliação utilizados nas escolas, considera-se, apenas - e muitas vezes sem trazer a função qualitativa dessa avaliação - o primeiro aspecto e, geralmente sob um único olhar, o olhar do professor.

De modo geral, a avaliação deve ser considerada como um recurso dos professores que possibilitará o acesso a informações e análises com o firme propósito de verificar se aquilo que se tinha como propósito de ensino foi conquistado. E, a partir dos resultados alcançados, o professor poderá reorientar a sua prática pedagógica na busca do sucesso da aprendizagem dos estudantes, principal objetivo dos envolvidos no processo ensino e aprendizagem. Saraiva (2007) ressalta a importância da avaliação na reorientação da prática do professor:

A avaliação é um processo contínuo que visa obter informações sobre os conhecimentos, competências e habilidades adquiridos pelo aluno, bem como suas atitudes, mostrando até que ponto os objetivos estão sendo alcançados, oferecendo condições para decidir sobre alternativas do planejamento, do trabalho do professor, e da escola como um todo. (p. 13).

Haidt (2002) apresenta algumas conclusões sobre os pressupostos e princípios da avaliação: a) a avaliação é um processo contínuo e sistemático que integra o processo de ensino e aprendizagem e, por isso, não tem um fim em si mesma, sendo sempre um recurso, e deve ser planejada e sistemática; b) a avaliação é funcional porque se realiza a partir da definição de objetivos que foram planejados; c) a avaliação é orientadora, porque indica os avanços e dificuldades dos estudantes, orientando-os para que consigam conquistar os objetivos previstos; d) a avaliação é integral porque vê o estudante como um todo e não de forma fragmentada e desta forma deve analisar e julgar todas as dimensões do comportamento do indivíduo (cognitivo, afetivo, psicomotor).

Como síntese descritiva da avaliação da aprendizagem, Saraiva (2007, p. 12), afirma que:

Todos precisamos de referência em relação às nossas aprendizagens. A motivação que temos para prosseguir é derivada do retorno que recebemos em relação aos acertos das nossas ações. Poderíamos afirmar que a avaliação é fundamental, seja pela confirmação do acerto da prática, seja pela possibilidade de se refletir e buscar alternativas. O que se espera da avaliação é que ela aponte caminhos para melhor forma de ensinar por parte do professor e para melhor forma de aprender por parte dos alunos.

1.1 A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA OGA MITÁ

A Escola Oga Mitá é uma instituição educacional privada, situada no Rio de Janeiro, que tem 35 anos de existência. Iniciou apenas com turmas de educação infantil e, ao longo desses anos, foi implantando os demais segmentos de ensino. O Ensino Fundamental II teve início em 1997 com a 6ª série do Ensino Fundamental.

O seu Projeto Pedagógico possui características de ensino aberto ou de escola ativa e a instituição se consolidou como uma das escolas de gestão privada mais inovadora da cidade ao longo de sua história, sobretudo quando da sua fundação.

O sistema de avaliação da aprendizagem na Escola Oga Mitá caracteriza-se por ser processual, acontecendo o tempo todo e ao longo de todo o ano escolar. Tem características de diagnóstico continuado e de avaliação formal. No texto da Proposta Pedagógica (OGA MITÁ, 2010a, p. 62), pode-se verificar a concepção da avaliação na escola.

Entendemos que avaliação é processo e, portanto, que acontece a todo o tempo ao longo dos períodos. A cada atividade proposta, a cada reação e/ou respostas da criança à mesma, vamos percebendo o envolvimento e o desenvolvimento do estudante em relação às suas aprendizagens, repensando nossas estratégias, planejando e reestruturando nossa mediação. Naturalmente isso não acontece de modo aleatório. Temos nossos instrumentos de registro e acompanhamento constantes desse “caminho”, nos quais inclui-se a autoavaliação feita pelos estudantes.

Os estudantes são protagonistas nesse processo, bem como seus professores e a avaliação acontece de várias formas. A partir de 1997, a escola dividiu o seu ano letivo em três trimestres. No Ensino Fundamental II, uma das avaliações da aprendizagem se dá, necessariamente, por meio de modelo de prova. Vale observar que a escola, mesmo nesse segmento de ensino, trabalhou durante muitos anos sem se utilizar da prova como instrumento de avaliação e esta foi instituída por solicitação dos próprios estudantes que desejaram viver, também, este modelo de avaliação. Entretanto, com base na concepção que a escola assume de modelo de avaliação, há e deve haver outros momentos em que a avaliação acontece, como seminários, trabalhos em grupo, demonstração de conceitos por meio de exercícios no quadro de giz, a autoavaliação discente, dentre outros.

Na perspectiva da autoavaliação discente, pode-se perceber a grande contribuição que ela oferece aos estudantes para que se tornem indivíduos críticos e autores de suas histórias. Segundo Teixeira e Nunes (2008 p. 179), “a autoavaliação, se compreendida de maneira consciente, possibilita o desenvolvimento autônomo e crítico do indivíduo, valorizando-o como sujeito ativo e participativo de sua própria história”.

Ainda nessa perspectiva da avaliação surge, de acordo com Teixeira e Nunes (2008), a possibilidade de o sujeito elaborar suas ações de regulação que é uma das apropriações mais significativas do conhecimento e de uma aprendizagem formativa. Para as autoras, ainda,

A autoavaliação faz com que o aluno pense e avalie suas dificuldades e como pode intervir para superá-las. Além de influenciar no controle, na motivação e na responsabilidade do aluno, permite que eles tenham controle de gerir seus conhecimentos e a responsabilidade sobre seu próprio desempenho, o que gera confiança nas suas capacidades e habilidades pessoais. (TEIXEIRA; NUNES, 2008 p. 180).

No Ensino Fundamental II, a Escola Oga Mitá procura desenvolver um sistema de avaliação a serviço da aprendizagem dos estudantes. Embora tenha feito, durante esses 17 anos de existência, adaptações neste sistema, sempre o fez a partir da observação dos profissionais que nela atuam, considerando a sua prática cotidiana.

Dessa forma, a realização de uma avaliação formal do sistema de avaliação da aprendizagem, do segmento de Ensino Fundamental II, da Escola Oga Mitá, se faz oportuna e necessária, podendo contribuir para o aprimoramento de seu sistema de avaliação.

1.2 OBJETIVO E RELEVÂNCIA DO ESTUDO

O objetivo desse estudo foi avaliar o processo de avaliação da aprendizagem do Ensino Fundamental II da Escola Oga Mitá conforme sua Proposta Pedagógica.

Avaliar esse aspecto do Projeto Pedagógico da Escola Oga Mitá permitirá que o avaliador apresente contribuições para o Diretor Geral, equipe de coordenação do segmento de ensino e equipe de professores da Instituição em foco, na perspectiva do aprimoramento da prática que vem sendo utilizada para a realização do processo de avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental II.

Ao corpo discente, o estudo pode oferecer sugestões para se criar condições mais eficazes para aprimorar a sua competência avaliativa, possibilitando melhor conhecimento de seu processo de aprender e determinando, ainda mais, a sua autoria e a sua autonomia diante da sua própria aprendizagem.

Outra contribuição desse estudo pode se dar junto aos profissionais das demais escolas do sistema de ensino que adotam um modelo de avaliação de concepção semelhante ao utilizado pela Escola Oga Mitá no Ensino Fundamental II ou, ainda, por aquelas que desejam rever os seus processos tradicionais de avaliação. Nesta direção, a relevância do estudo se amplia do âmbito da Escola Oga Mitá para o de outras instituições de ensino.

2 O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DA ESCOLA OGA MITÁ

Neste Capítulo serão tratados o *locus* e o objeto da avaliação, que compreende o sistema de avaliação da aprendizagem do Ensino Fundamental II da Escola Oga Mitá.

2.1 O LOCUS DA AVALIAÇÃO

A Escola Oga Mitá foi fundada em janeiro de 1978 por um grupo de jovens, incluindo alguns professores, que resolveram criar uma escola diferente. A princípio “a intenção era a de viver uma experiência cooperativa e solidária apenas entre um grupo de amigos (OGA MITÁ, 2012, p. 6). Esses jovens fundadores tinham como crença a necessidade de resgatar a história e a cultura dos brasileiros, o respeito às diferenças étnicas, diferenças de gênero, diferenças de valores e diferenças socioculturais (OGA MITÁ, 2012, p. 2). Coerente com esses valores, escolheram o nome da escola – Oga Mitá, que significa “Casa da Criança” em Guarani. Trata-se de uma escola comprometida com um processo de educação voltado para a cooperação, a emancipação, a cidadania e a felicidade de toda “tribo”.

Inicialmente formaram-se duas turmas de educação infantil, que naquela época denominava-se “pré-escolar”, já inovando ações pedagógicas em um segmento de ensino que em geral desempenhava uma função assistencialista. Em 1984, a escola ampliou as suas atividades com a abertura de turmas do antigo primário, hoje denominado Ensino Fundamental I. Em 1997, iniciou o projeto destinado ao atendimento de estudantes no Ensino Fundamental II e, em 2012, iniciou com a primeira turma de Ensino Médio. Desta forma, a Escola Oga Mitá possui, hoje, atendimento a estudantes de toda a educação básica.

Como pode ser lido no Projeto Pedagógico (OGA MITÁ, 2010a), no que se refere à metodologia, a educação se faz com a interação dos indivíduos, com o meio e com todas as pessoas da comunidade escolar. A escola tem, como princípio de trabalho, o compromisso com a vivência e a busca do desenvolvimento de quatro eixos básicos, a partir da Pedagogia de Celestín Freinet: a cooperação, o registro, a comunicação e a afetividade.

A Escola Oga Mitá conta com um grupo de profissionais composto por um Diretor Geral e um Diretor Administrativo-financeiro, coordenadores pedagógicos distribuídos por segmento de ensino, um coordenador administrativo, dinamizadores de biblioteca, um profissional de TI, secretárias escolares, professores e funcionários administrativos. A escola não tem sede própria e ocupa dois prédios em bairros vizinhos, na zona norte da Cidade do Rio de Janeiro. O prédio onde funciona a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I está localizado no bairro de Vila Isabel e o prédio do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio localiza-se no bairro da Usina, na Grande Tijuca.

A estrutura física da Unidade de Ensino Fundamental II, *locus* desse estudo avaliativo, possui um laboratório de ciências, uma sala de artes, uma biblioteca, um espaço multimídia, seis salas de aula, uma sala de professores, uma sala de apoio aos estudantes com deficiências, uma sala de coordenação, uma secretaria escolar, uma cantina e uma quadra poliesportiva.

No segmento de Ensino Fundamental II, à época da avaliação (2013), trabalhavam 17 docentes, um coordenador pedagógico, um auxiliar de coordenação que também exerce a função de professor de matemática, uma secretária escolar, uma auxiliar de secretaria, três funcionários de serviços gerais, uma bibliotecária, uma dinamizadora de biblioteca, um almoxarife e uma professora que trabalha no apoio dos estudantes com necessidades especiais. Com exceção dos professores, pois alguns são exclusivos do Ensino Fundamental II, os demais profissionais atuam tanto no segmento de Ensino Fundamental II como no Ensino Médio.

O número máximo de estudantes estabelecido por turma no segmento avaliado é de 28 alunos. As carteiras e cadeiras não obedecem à ordem de sentar “um atrás do outro”. De um modo geral, a arrumação das carteiras favorece que os estudantes possam se olhar durante o tempo em que estiverem na sala, facilitando assim a aprendizagem de troca coletiva. Os estudantes sentam-se em grupos, em forma de “U” e em semicírculo.

Os alunos residem em vários bairros da cidade do Rio de Janeiro. A opção das famílias pela escola é preponderantemente pela proposta pedagógica, e não por outros critérios. Estes dados foram coletados das Fichas de Entrevista com as famílias quando da primeira visita à escola.

Como parte integrante do Projeto Pedagógico, seus professores fazem parte de um programa de educação continuada, com reuniões quinzenais remuneradas, no turno da noite. Nessas reuniões são discutidos os planos de trabalho, planejados eventos e projetos e discutidas as situações das aprendizagens dos estudantes. Nessas reuniões também estão presentes os professores do ensino médio.

As reuniões de pais são trimestrais e nelas são discutidas questões das turmas e os responsáveis recebem o material da avaliação trimestral dos estudantes e um boletim escolar.

A matriz curricular do ensino fundamental II é composta por Matemática, Língua Portuguesa, Geografia, História, Artes, Ciências, Música, Educação Física e Inglês, como componentes curriculares do núcleo comum (OGA MITÁ, 2010b). Além dessas disciplinas, as de Língua Espanhola, Teatro do Oprimido e Filosofia enriquecem o currículo.

No segmento do Ensino Fundamental II, a escola contou em 2013 com um total de 80 estudantes e possui uma turma de cada ano escolar. As turmas são identificadas por nomes de etnias indígenas brasileiras. No segmento do Ensino Fundamental II, são assim denominadas: 6º ano – Waiwai¹; 7º ano – Waimiri Atroary²; 8º ano – Yawalapiti³; e 9º ano – Krenak⁴.

A escolha do nome de cada turma que inicia a cada ano letivo na educação infantil, na Escola Oga Mitá, é feita pelos estudantes da turma mais avançada da escola. A justificativa para isso é que na cultura indígena caberia aos mais velhos a escolha. Ao passarem para o ano seguinte de escolaridade, os estudantes levam consigo o nome da turma e assim permanecem até o último ano da turma na escola com o nome da etnia que foram batizados.

A escola trabalha com um sistema de gestão de planejamento participativo, que visa alcançar seus objetivos pela reflexão conjunta de representantes dos segmentos de professores, coordenadores, pais e funcionários. Tem como propósito

¹ Waiwai significa “tapioca”. Os índios que se identificam e são identificados como Waiwai encontram-se dispersos em extensas partes da região das Guianas.

² Os Waimiri Atroary, durante muito tempo, estiveram presentes no imaginário do povo brasileiro como um povo guerreiro, que enfrentava e matava todos que tentavam entrar em seu território. Estão localizados no Amazonas, Roraima.

³ O nome Yawalapiti significa aldeia dos tucuns; estão localizados em Mato Grosso.

⁴ Os Krenak, ou Botocudos – nome com o qual os portugueses pejorativamente os designavam, em referência aos adornos usados nas orelhas e nos lábios ou Borum, termo que significa gente, em língua indígena, e que segundo o qual os Krenak designam-se, hoje, a si e aos demais índios, em oposição aos Kraí, os não-índios.

final o envolvimento da comunidade educativa para avaliar e definir o planejamento estratégico chegando a decisões conjuntas.

O Projeto Pedagógico estabelece a educação cooperativa e entende que a avaliação da aprendizagem tem caráter eminentemente diagnóstico e está a serviço da aprendizagem dos estudantes e do ensino dos professores. A avaliação da aprendizagem é marcada por ser um processo de interação entre os principais interessados na avaliação, que estão em constante processo de negociação entre a visão do estudante sobre o próprio processo de aprender e suas aprendizagens, e a visão do professor sobre as aprendizagens dos estudantes e o seu ensino.

Essa abordagem se alinha com aquilo que Guba e Lincoln (1989, apud PENNA FIRME, 1994) denominaram de 4ª geração da avaliação, que tem na negociação a sua característica principal, seguindo uma orientação interpretativa e dialógica. A negociação em avaliação supõe que há trocas substanciais entre os interessados, de modo a buscar o consenso entre eles. Reconhecer as divergências e respeitá-las faz parte da negociação.

Como resultado da adesão à ideia de negociação na avaliação, os interesses, as expectativas e as demandas dos interessados ficam mais evidentes, superando o modelo normativo de avaliação, onde a escola e o professor determinam todos os objetos e critérios de avaliação.

2.2 O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

O objeto deste estudo avaliativo é o sistema de avaliação da aprendizagem dos alunos de Ensino Fundamental II da Escola Oga Mitá.

A Escola Oga Mitá adota um modelo de ensino aberto e tem, no processo de avaliação da aprendizagem, um elemento essencial para a consecução do seu objetivo central, que é a formação de um cidadão consciente e capaz de exercer seus direitos e deveres em sociedade, com espírito coletivo e pensamento crítico.

No Ensino Fundamental II, os resultados das aprendizagens dos estudantes são verificados em diversos momentos e formas diferenciadas de avaliação. Algumas vezes, essas avaliações, recebem “notas” com intuito de dar um retorno quantitativo aos estudantes sobre a sua aprendizagem. Entretanto, a nota obtida ao final da etapa letiva é construída pela análise da conquista do estudante em relação aos objetivos de ensino presentes nos planos de trabalho das disciplinas, nas

dimensões conceituais, atitudinais e procedimentais. Os estudantes recebem uma Ficha de Avaliação de cada componente curricular, com os objetivos correspondentes aos conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais trabalhados no trimestre, para o registro de suas aprendizagens.

Em uma escala de 0.5, que corresponde a 10% de aprendizagem, a 5.0 que corresponde a 100% de aprendizagem, os estudantes se autoavaliam em cada objetivo de ensino. Após a autoavaliação do estudante, o professor avalia o aluno em cada um daqueles mesmos objetivos, com a mesma escala de valores. De posse das duas avaliações realizadas, os dois – estudante e professor – se encontram para negociar as suas impressões sobre o nível das aprendizagens acontecidas. Esta negociação gera um valor final para cada objetivo e os valores resultantes são lançados em planilha Excel gerando a nota final do estudante (ANEXO A). Por meio do processo de negociação em relação aos diferentes olhares sobre o mesmo objeto, o diálogo avaliativo é estimulado, possibilitando a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com a Proposta Pedagógica da Escola Oga Mitá (2010a, p. 5), a intencionalidade pedagógica está explicitada, para todos os segmentos de ensino, nas seguintes competências:

Queremos que nossos alunos...

- apropriem-se do conhecimento socialmente construído, vivendo a escola como espaço de discussão e partilha do saber;
- ampliem sua própria capacidade de conhecer, atuando continuamente sobre diferentes objetos do conhecimento;
- relacionem dados, fatos e conceitos das diversas ciências, utilizando os conhecimentos adquiridos como instrumental de reflexão crítica sobre a realidade;
- expressem sua postura crítica e sua criatividade, ousando se contrapor a estereótipos e padrões rígidos, de ordem estética, social e cultural;
- desenvolvam a sua autonomia e assegurem o direito ao questionamento, à dúvida e ao erro, encarando-os como possível passo para novos caminhos;
- analisem criticamente o meio em que vivem, reconhecendo-se e expressando-se nos diferentes grupos, de forma comprometida, através de opções conscientes.

A concepção pedagógica da Escola Oga Mitá compreende que o estudante é sujeito do aprender e, por conseguinte, tem na avaliação da aprendizagem um

importante e imprescindível recurso para a obtenção de resultados coerentes com os objetivos propostos em sua proposta pedagógica.

Em todos os segmentos de ensino da Escola Oga Mitá, avaliar, é uma atitude diagnóstica e dialógica. Compreende que o estudante deve ser o sujeito ativo do seu processo de aprender e, por isso, valoriza e valida a participação do discente para o desenho final do resultado do aprendido. Nesta perspectiva, o professor é mediador, interlocutor, estimulador, instigador das aprendizagens dos alunos.

Nesta escola, a avaliação, ocupa o lugar de quem chega para auxiliar, para orientar, através de um diagnóstico, possibilitando aos educadores e educandos a boa condição de revisão e do replanejamento das ações pedagógicas, com vista a melhores resultados das aprendizagens dos alunos. É chamada de avaliação diagnóstica (VILELA et al., 2010).

Segundo Haidt (2002), o conceito de avaliação da aprendizagem depende da visão de educação de quem se relaciona com ela. Dependendo do olhar que se tenha, a avaliação poderá assumir um caráter diagnóstico ou classificatório.

Quando a avaliação tem caráter diagnóstico cumpre três importantes funções: a autoavaliação dos processos de ensino e aprendizagem, a motivação do crescimento e o auxílio à aprendizagem. A autoavaliação favorece a compreensão do processo, tanto do educador, quanto do estudante. O estudante passa a ter consciência da sua posição frente ao objeto do conhecimento, enquanto o professor pode refletir sobre o seu papel no processo. A avaliação é motivadora a partir do momento em que o diagnóstico impulsiona a busca de resultados mais satisfatórios e antecipa as possibilidades de crescimento. O exercício da avaliação deve ser visto como uma das múltiplas oportunidades de aprender. As atividades que são realizadas na prática da avaliação devem ser vistas como exercícios de aprendizagem, isto é, enquanto um aluno está diante de uma atividade avaliativa está, também, avançando no seu processo de aprender.

A avaliação da Escola Oga Mitá é processual. No Ensino Fundamental II, a avaliação se inicia com a elaboração do planejamento e com a seleção do programa de ensino, que será trabalhado com os estudantes. A seguir, são formulados os objetivos específicos de cada um dos conteúdos constantes do plano anual de trabalho dos professores dos diferentes componentes curriculares, nas dimensões

atitudinais, procedimentais e conceituais. Esses objetivos são denominados pelos docentes como indicadores da aprendizagem.

Após elencados pelos docentes e ao início de cada trimestre letivo, os objetivos de ensino, são apresentados aos estudantes para que tomem ciência do que se espera em relação ao alcance de suas aprendizagens. Para os estudantes, o contato com esses objetivos é o ponto de partida da avaliação da aprendizagem; eles lidam com esses objetivos durante todo o trimestre, na medida em que a avaliação é processual.

O instrumento denominado Ficha de Avaliação é apresentado aos alunos para que possam tomar ciência dos objetivos esperados por seus professores em relação ao trabalho que será realizado em cada trimestre letivo. Iniciado o processo de ensino, os estudantes são submetidos, ao longo do trimestre, a múltiplas formas de avaliação e dentre elas, à autoavaliação de suas aprendizagens.

Para o registro das aprendizagens é utilizada uma escala padrão que vai de 0,5 a 10 pontos e, a partir da compreensão que o estudante tem das suas conquistas, vai quantificando cada um dos objetivos.

Observa-se no instrumento elaborado para o registro da avaliação dos discentes, que a maior incidência de objetivos de aprendizagem é relacionada aos conteúdos conceituais em relação aos demais (ANEXO A). Essa ênfase maior no processo de avaliação nos conteúdos conceituais é de fácil compreensão na medida em que a aprendizagem que está sendo avaliada ocorre em uma escola do sistema regular de ensino que tem um programa a ser cumprido sob orientação das Diretrizes Curriculares Nacionais. Entretanto, os conteúdos procedimentais e atitudinais são considerados com seriedade, valorizados e valorados pelos docentes e estudantes, de forma coerente com o que intenciona o Projeto Pedagógico da escola e com o que constata do artigo do Regimento Escolar: “O aproveitamento escolar é avaliado através de resultados das diversas avaliações de aproveitamento e das mudanças de comportamento dentro da Escola, tendo em vista a educação de uma forma global, nos aspectos social e intelectual”.

Ao final da Ficha de Avaliação encontram-se duas questões abertas. A primeira é relativa à percepção do estudante em relação ao experimentado em suas aulas e à dinâmica do ensino, promovida por seu professor no trimestre letivo. A segunda refere-se às percepções do docente sobre o observado em relação ao que

foi registrado pelo aluno e/ou a alguma outra questão que o professor deseje comunicar ao estudante.

Em um segundo momento, os professores avaliam, no mesmo instrumento, as conquistas de seus alunos à luz dos mesmos indicadores. A partir daí, interagem - docentes e discentes - para negociar a avaliação. Após a negociação, chega-se a um consenso e se atribuem um valor final a cada indicador (objetivo de ensino), que será lançado em uma planilha Excel. Com isto, gera-se, ao final, a nota do estudante, que pode variar de 5 a 100 pontos.

Segundo Haidt (2002), a prática da autoavaliação, quando bem orientada, contribui de forma significativa para que os estudantes se tornem responsáveis e críticos, além de conscientes dos seus mecanismos para aprender e saber sobre o que sabem. As palavras do autor traduzem o Ensino Fundamental II que a Escola Oga Mitá pratica:

Incentive os alunos a avaliar o próprio trabalho, praticando, assim, a autoavaliação. O aluno, quando bem orientado, também sabe dizer quais são seus pontos fortes, o que aprendeu e em que precisa melhorar. Se pretendemos que nossos alunos desenvolvam a noção de responsabilidade e uma atitude crítica, é preciso criar oportunidades para que eles pratiquem a autoavaliação, começando por analisar a si mesmos, seus erros e acertos, e assumir a responsabilidade por seus atos. Os alunos devem adotar uma atitude crítica inicialmente sobre seu comportamento e em relação a seus próprios conhecimentos (HAIDT, 2002, p. 86).

No processo de avaliação da aprendizagem do Ensino Fundamental II são utilizados, dentre outros, instrumentos de avaliação como fichas, seminários, exercícios, debates, trabalho individual ou em grupo, arguição, provas, sendo uma por trimestre. Estes instrumentos têm, de fato, função diagnóstica e não se expressam obrigatoriamente por meio de uma nota. A partir dos resultados obtidos pelos estudantes, o docente reestrutura, ou não, o seu trabalho com vistas, sempre, à conquista da aprendizagem do estudante. As notas trimestrais são atribuídas a partir do preenchimento da ficha de avaliação pelo aluno e pelo professor.

2.2.1 A autoavaliação discente

Para Esteban (2002), o sujeito que conhece, deve ser o centro do processo pedagógico e mais importante que o próprio objeto do conhecimento; a ênfase da relação pedagógica deve estar no processo de aprendizagem do aluno. Nessa perspectiva, para a mesma autora (ESTEBAN, 2002, p. 118),

As práticas escolares pretendem favorecer a atividade dos(as) alunos(as), havendo uma forte preocupação no sentido de adequar as propostas ao ritmo de cada estudante. Estas transformações se refletem na teoria sobre a avaliação, que passa a atribuir grande valor à autoavaliação e às propostas que levam o sujeito a elaborar suas próprias respostas.

Na Escola Oga Mitá, a autoavaliação é parte integrante e importante do sistema de avaliação da escola e tem lugar de destaque tanto em seu Projeto Pedagógico (OGA MITA, 2010a) quanto em seu Regimento Escolar (OGA MITA, 2010b).

Com o objetivo de formalizar a capacidade de autocrítica dos estudantes, durante cada um dos períodos letivos, em relação ao seu trabalho/aprendizagens na escola e ao trabalho do grupo e da escola, os estudantes do Ensino Fundamental II realizam as suas autoavaliações.

A Ficha de Avaliação do discente é elaborada de forma individual pelos professores dos diferentes componentes curriculares, e é composta pelos objetivos específicos a serem trabalhados, no trimestre, em cada um dos componentes curriculares, nas dimensões atitudinais, procedimentais e conceituais. No início da etapa letiva – trimestre – cada docente apresenta, como já informado anteriormente, aos seus alunos os objetivos traçados para as suas aprendizagens.

A autoavaliação deve acompanhar o curso da aprendizagem, sendo trabalhada pelo professor com os alunos, quando deseja verificar se os objetivos de aprendizagem foram alcançados para que possa, a partir dos resultados obtidos, replanejar a sua prática pedagógica com vista à aprendizagem efetiva.

A Ficha de Avaliação apresenta uma escala numérica de 0,5 a 5,0 que representa de 10% a 100% do domínio da aprendizagem de cada objetivo. Cabe evidenciar que não há zero na escala, pois a escola não acredita que alguém não seja capaz de aprender alguma coisa. Tal justificativa não está descrita no Projeto

Pedagógico, mas se apresenta no discurso cotidiano de todos os professores que, em verdade, possuem autonomia para, juntamente com a Coordenação Pedagógica, definir os critérios de avaliação e sua quantificação.

Como dito anteriormente, após o discente ter realizado a sua autoavaliação estabelecendo os valores numéricos do resultado das aprendizagens dentro da escala de quantificação da avaliação, será a vez do docente, trabalhando com os mesmos objetivos, na mesma Ficha e utilizando-se da mesma escala de valores. fazer o registro quantitativo da aprendizagem dos estudantes. Após a realização dessas duas etapas, chega o momento em que discente e docente se reúnem para negociar a avaliação. Essa negociação se dá em todos os itens da Ficha de Avaliação. No entanto, nos objetivos em que há discrepância entre a visão do estudante e a visão do professor sobre a aprendizagem do estudante, a discussão é maior. Caso o discente consiga demonstrar ao docente, que naquele objetivo, houve um equívoco na avaliação, há uma alteração do valor quantitativo final atribuído ao aluno e/ou vice-versa.

Juntos, percorrem as percepções dos dois em relação à aprendizagem do aluno e, quando há discrepância entre as percepções, inicia-se o diálogo que tem como objetivo o consenso e leva em conta as três dimensões da avaliação - conceitual, atitudinal e procedimental. Estes valores são lançados pelo professor em uma planilha Excel e gerará a nota do trimestre do estudante naquele componente curricular. Desta forma, tomando como base a planilha de avaliação, o estudante tem a real dimensão do seu processo de aprendizagem e localiza os pontos da aprendizagem onde precisa se dedicar mais para alcançar maior desenvolvimento.

Após a negociação da avaliação, o estudante recebe o instrumento de autoavaliação de cada componente curricular. Nos indicadores em que não obteve aprendizagem igual ou superior a três pontos (o que equivaleria a aproximadamente a 60% do aprendizado de cada objetivo específico), o estudante é indicado à recuperação de aprendizagem. Desta forma, não é a média final da etapa letiva que levará o estudante à recuperação e, sim, o conquistado em cada objetivo. Por exemplo, em determinado componente curricular, um aluno poderá ter média trimestral 90, mas ser encaminhado para a recuperação, se o objetivo não conquistado for um objetivo estruturante para novas aprendizagens.

Para que consigam, de forma mais segura, fazer uma avaliação minuciosa dos discentes, os professores fazem registros sistemáticos, cotidianos sobre os avanços e as dificuldades de aprendizagem, registrando o desenvolvimento dos alunos e suas relações no grupo.

Um estudo das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, desde a Lei de nº 4.024 (BRASIL, 1961), incluindo a Lei nº. 5.692 (BRASIL, 1971) e a Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996), possibilita observar que todas as três Leis fazem referência à importância de que a avaliação ocorra, de forma processual, ao longo do período letivo. As duas últimas leis, além da menção à avaliação ao longo do processo, determinam que prevaleçam os aspectos qualitativos da aprendizagem sobre os quantitativos.

A Lei nº 5.692 (BRASIL, 1971), no Artigo 14, § 1º, recomenda que, “na avaliação do aproveitamento, a ser expressa em notas ou menções, preponderarão os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e os resultados obtidos durante o período letivo sobre os da prova final, caso esta seja exigida.”

Na Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996) há um avanço na concepção da avaliação. No Art. 24 se observa que, além de fazer prevalecer os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, a avaliação deve ser contínua e cumulativa. Desta forma, a avaliação da aprendizagem na Escola Oga Mitá manteve-se e mantém-se afinada às recomendações das Leis de Diretrizes e Bases Nacionais.

2.2.2 A recuperação dos objetivos de ensino

A recuperação da aprendizagem é parte integrante do sistema de avaliação da Escola Oga Mitá e, conseqüentemente do Ensino Fundamental II. Embora a sua figura não apareça descrita na Proposta Pedagógica, está presente no Regimento Escolar e na cultura dos professores e coordenadores, que trabalham neste segmento de ensino. No Regimento Escolar, insere-se um capítulo especialmente dedicado à recuperação que regula o tempo em que a recuperação acontece: “Art. 89 - A Recuperação dos estudos é realizada paralelamente ao processo-ensino aprendizagem, bem como ao final do ano letivo”.

O artigo seguinte trata da localização, do que precisa ser recuperado dentro dos conteúdos, atividades e objetivos abordados:

Art. 90 – Cabe ao professor verificar a necessidade de recuperação de algum item das atividades, indicando claramente qual o ponto ou objetivo a ser recuperado pelo estudante através de trabalhos específicos, orientações pedagógicas até que os objetivos propostos sejam alcançados pelo estudante.

No cotidiano do Ensino Fundamental II, a recuperação acontece ao longo e/ou ao final do trimestre. Observa-se que não está estabelecida a sistemática a ser adotada pelos professores para realizar a recuperação. Também não está determinado nem no período em que a recuperação acontecerá, nem o seu formato. Entretanto, todos os docentes expressam que devem realizar a recuperação da aprendizagem e que, por princípio, deveriam fazê-la de forma paralela, ao longo de cada trimestre letivo.

Observa-se, no Ensino Fundamental II, o avanço da prática pedagógica, superando o documento norteador do processo, que não é explícito em relação à orientação sobre a forma de promover a recuperação. Isto parece um dado importante, na medida em que novos elementos foram se incorporando ao processo de recuperação, decorrentes das experiências cotidianas e das discussões entre docentes sobre o tema.

Em referência às Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pode-se constatar que tanto na Lei de nº 5.692 (BRASIL, 1971), como na Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996), há uma preocupação com a aprendizagem do aluno e uma orientação para que sejam promovidos, pelos estabelecimentos de ensino, os estudos de recuperação, obrigatoriamente, sendo que na Lei de 1996, há a recomendação de que sejam, preferencialmente, paralelos ao período letivo.

Art 14

§ 2º O aluno de aproveitamento insuficiente poderá obter aprovação mediante estudos de recuperação proporcionados obrigatoriamente pelo estabelecimento. (BRASIL, 1971)

Art. 24

V Letra e – obrigatoriedade de estudos de recuperação de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos (BRASIL, 1996).

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em vigor (BRASIL, 1996), observa-se o que pode ser considerado como um avanço no campo da

aprendizagem: a orientação para que estes estudos de recuperação aconteçam de forma efetivamente paralela, ou seja, durante todo o processo escolar.

Na Escola Oga Mitá, a recuperação faz parte do sistema de avaliação do Ensino Fundamental II e a ideia é que siga um modelo de recuperação paralela. E que aconteça durante todo o processo de ensino-aprendizagem. Por acordo entre os docentes, convencionou-se o valor de 3,5 da escala numérica de 0,5 a 5,0 como ponto de corte para encaminhar o estudante para a recuperação em cada objetivo de ensino, independente da nota final obtida no trimestre nos diferentes componentes curriculares.

Durante o período de desenvolvimento do presente estudo, a autora pode observar a forma como os professores realizam a recuperação dos objetivos e, em especial como um dos professores de matemática pratica o processo. Ao perceber que os estudantes necessitam visitar um ou mais objetivos, o professor faz uma revisão do(s) conteúdo(s) e oferece uma situação para (re)avaliar os estudantes. O professor elabora uma avaliação no formato prova e, ao lado de cada questão, coloca o objetivo a que se refere à questão. O estudante, então, de posse da sua autoavaliação já preenchida, identifica os objetivos conceituais parcialmente ou não alcançados e responde às questões que sabe que precisa recuperar. No entanto, se o estudante quiser fazer as demais questões em que conquistou o objetivo é estimulado a fazê-las como forma de consolidar ainda mais o aprendido. Desta forma, A recuperação acontece de forma bem articulada com o processo cotidiano da aprendizagem.

Toda essa prática de avaliação está descrita no Regimento Escolar Interno da Escola Oga Mitá (2010a), documento oficial que define as diretrizes escolares. Ao que tange à avaliação escolar, destaca-se o Capítulo VII, da Verificação Escolar em que se identificam os princípios da avaliação da aprendizagem existentes no Projeto Pedagógico Escolar:

Art. 80 – A avaliação da escola é constante, somativa e faz parte de um processo global, visa perceber onde está o estudante e o que é preciso ser feito para auxiliá-lo no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Art.81 – O aproveitamento escolar é avaliado através de resultados das diversas avaliações de aproveitamento e das mudanças de comportamento dentro da Escola, tendo em vista a educação de uma forma global, nos aspectos social e intelectual.

Art. 82 – A avaliação do aproveitamento é expressa trimestralmente e constitui o resultado do acompanhamento do dia-a-dia do estudante na escola.

Os instrumentos de avaliação utilizados na escola abrangem, dentre outros, Relatórios, Fichas Individuais, Gráficos, Grafismo, Exercícios e Autoavaliação. Além dos instrumentos mencionados são ainda utilizados Pesquisas, Consultas à Biblioteca, Relatórios de excursões, de pesquisa e de trabalhos em grupo e outros aspectos dinâmicos que a iniciativa do professor sugerir.

No Ensino Fundamental II, onde este estudo avaliativo foi realizado, os instrumentos de avaliação utilizados são: Seminários, Observações, Testes, Exercícios, Provas, Autoavaliação, Trabalhos individuais e Trabalhos em Grupo.

Apesar de não constar no Regimento Escolar da Escola Oga Mitá, a prova como meio de avaliação é utilizada pelos professores do Ensino Fundamental II, ao menos uma vez por trimestre, e nasceu de solicitação dos próprios estudantes da escola. É aplicada aos alunos em situação bastante formal, sem consulta a materiais e a colegas.

O Regimento Escolar (OGA MITA, 2010b) também normatiza o aproveitamento dos estudantes:

Artigo 84 - O aproveitamento do estudante do Ensino Fundamental e do Ensino Médio é expresso através da escala de nota zero (0) a cem (100) a serem atribuídas pelos professores, sintetizando numericamente o resultado dos instrumentos utilizados no processo de avaliação.

O Artigo 85 do Regimento indica o registro formal do resultado do aproveitamento discente “Os resultados obtidos são lançados nas fichas individuais ou outro documento que substitua, para fins de controle do processo de aprendizagem e promoção de ano”.

Após o processo de recuperação, se houver conquistas no sentido de melhorias das aprendizagens, a nota que representava o aprendizado anterior é substituída pela nova nota. Caso não tenha havido conquista, a primeira nota permanece.

A Escola Oga Mitá trabalha com inclusão de alunos com deficiências em todos os segmentos de ensino. Em levantamento realizado no Ensino Fundamental

II, em 2013, foi constatado pela Equipe Pedagógica que neste segmento de ensino há 20% de estudantes com deficiências. Dentre esses, portadores de Asperger com espectro de autismo, síndrome de Down, deficiência física, déficit de atenção com hiper ou hipoatividade, dislexia, dentre outros. Esses estudantes passam a maior parte do tempo em que estão na escola, em atividades junto às suas turmas. A relação entre os estudantes com e sem deficiências acontece de forma bem natural, demonstrando desta maneira, a real existência do respeito às diferenças. A avaliação de cada um desses estudantes tem um olhar ainda mais cuidadoso por parte dos docentes. Assim os professores, quando necessário, elencam objetivos diferenciados para cada um deles (alguns têm o currículo adaptado) e elaboram instrumentos diferenciados de avaliação com tempos diferenciados às suas necessidades. O trabalho com estes estudantes recebe o apoio de uma professora, fora das salas de aula. O processo de autoavaliação do estudante é vivido por todos.

2.2.3 Os conselhos de classe

Na Escola Oga Mitá, no Ensino Fundamental II, os Conselhos de Classe acontecem ao longo do trimestre e não ao final dele, como pode ser observado na maioria dos sistemas de avaliação das escolas. Pelo menos, uma vez por mês, professores se reúnem para conversar sobre os estudantes e suas aprendizagens nas dimensões atitudinais e conceituais, traçando estratégias de resgate do que não foi conquistado por cada um dos alunos em ambas as dimensões apontadas.

Ao final do ano letivo, acontece o Conselho de Classe final, em que o desempenho dos estudantes é discutido e é consolidada, ou não, a situação final de aprovação de cada aluno. Os alunos que obtiverem médias iguais ou superiores à média estipulada para aprovação são promovidos ao ano de ensino seguinte. Caso seja necessário, os professores tecem recomendações pedagógicas para o estudante e suas famílias.

No caso do estudante que não obteve média igual ou superior à média de aprovação, os professores presentes realizam uma discussão para se chegar a consenso sobre a situação final daquele estudante que pode ser a retenção na série cursada naquele ano letivo ou a sua aprovação em Conselho de Classe. Nos dois casos descritos, os estudantes e suas famílias são convocados pela Coordenação

Pedagógica, juntamente com um professor, no mínimo, para conversar sobre a sua situação final e encaminhar proposições para o próximo ano letivo.

Ao longo do ano letivo, nas rodas dos Conselhos de Classe, em que a autora esteve presente, foi possível perceber o compromisso e a responsabilidade dos docentes no resgate das aprendizagens dos estudantes. É interessante ver como uns buscam nos outros ferramentas de sucesso que resultaram em boas aprendizagens objetivando utilizá-las. Os docentes demonstram grande preocupação com a aprendizagem dos alunos e verbalizam acreditar na capacidade de todos aprenderem.

A autora, apesar de ter participado dos Conselhos como integrante da equipe, no lugar de Coordenadora Pedagógica, tendo em consideração o presente estudo avaliativo, levou consigo uma escuta mais atenta aos fatos que se apresentavam como de interesse para com ele contribuir.

A partir deste relato descritivo e do observado pela autora, na Escola Oga Mitá, no Ensino Fundamental II, a avaliação parece estar, de fato, a serviço da aprendizagem dos estudantes e é exercida com respeito em relação aos objetivos de ensino, propostos pelo programa de ensino, e também às características de cada educando. Cada estudante é visto como único no grupo e em lugar diferenciado do processo de aprendizagem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados, a abordagem adotada, as questões avaliativas e as fontes de dados do presente estudo. Este capítulo descreve ainda o instrumento utilizado e os procedimentos de coleta de dados.

3.1 QUESTÕES AVALIATIVAS

A partir do objetivo formulado para este estudo, foram elaboradas duas questões avaliativas. As questões avaliativas foram geradas a partir da leitura do Projeto Pedagógico da escola, da leitura do Regimento Escolar, do exame das fichas de avaliação da aprendizagem e de outros documentos, assim como de observações preliminares da autora no *locus* da avaliação. Após algumas reflexões, foram elaboradas duas questões:

1) Em que medida o processo de avaliação da aprendizagem do Ensino Fundamental II, da Escola Oga Mitá, atende às finalidades presentes na Proposta Pedagógica da Instituição?

2) Quais os aspectos positivos e negativos do processo de avaliação da aprendizagem do Ensino Fundamental II, da Escola Oga Mitá?

Foram definidos indicadores para cada uma das questões avaliativas a fim de servirem de referência, para que houvesse um elevado grau de precisão e de confiança nas questões avaliativas (Quadro 1).

Quadro 1 – Perguntas avaliativas e indicadores correspondentes

Pergunta Avaliativa	Indicadores
1. Em que medida o processo de avaliação da aprendizagem do Ensino Fundamental II da Escola Oga Mitá atende às finalidades presentes na Proposta Pedagógica da Instituição?	<ul style="list-style-type: none">• Utilização de múltiplos recursos de avaliação• Participação do aluno no processo de avaliação• Utilização de avaliação processual e contínua• Utilização de avaliação qualitativa• Utilização das dimensões conceituais e atitudinais
2. Quais os aspectos positivos e negativos do processo de avaliação da aprendizagem do Ensino Fundamental II da Escola Oga Mitá?	<ul style="list-style-type: none">• Utilidade da avaliação• Precisão da avaliação• Viabilidade da avaliação• Ética na avaliação

Fonte: A autora (2014).

De acordo com Chianca, Marino e Schiesari (2001, p 36), os indicadores servem como “referências que ajudam a responder perguntas avaliativas”.

3.2 ABORDAGEM DA AVALIAÇÃO

Segundo Worthen, Sanders e Fitzpatrick (2004), este estudo está caracterizado como uma avaliação centrada em objetivos, uma vez que estudou e analisou o desempenho do processo de avaliação de ensino-aprendizagem de uma instituição escolar, face aos objetivos propostos na Proposta Pedagógica da Escola.

Na educação, a avaliação centrada em objetivos tem sua consolidação com Ralph W. Tyler, na década de 1940 (WORTHEN; SANDERS; FITZPATRICK, 2004). Este autor concebia a avaliação como uma verificação da consecução dos objetivos propostos em um dado programa. A eventual discrepância entre o desempenho identificado na avaliação e os objetivos propostos conduziram à retificação do processo examinado.

A escolha pela avaliação centrada em objetivos se deu pela possibilidade em determinar em que medida os objetivos do processo de avaliação da aprendizagem descritos na Proposta Pedagógica da escola foram atingidos. Pode ainda contribuir para eventuais reformulações no processo investigado. Chianca, Marino e Schiesari (2001, p. 20) afirmam que a avaliação centrada em objetivos tem sido amplamente utilizada, devido à “simplicidade da lógica, que possibilita a utilização de um único parâmetro de avaliação”.

Ainda no âmbito da avaliação centrada em objetivos, dentre as contribuições de Sanders e Cunningham (1973; 1974, apud WORTHEN; SANDERS; FITZPATRICK, 2004, p. 132), consta como avaliar metas por meio do método lógico e método empírico. No caso, esta avaliação valeu-se do método empírico, que prioriza a coleta de dados dos envolvidos com o processo (professores e diretor), visando descrever percepções e juízos sobre o objeto avaliado e as observações da avaliadora no *locus* da avaliação.

3.3 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Nesta avaliação foram construídos e utilizados dois instrumentos relacionados à técnica de interrogação, uma entrevista e um questionário (GIL, 2002, p. 114).

A entrevista foi realizada com o Diretor da escola e o questionário foi respondido pelos professores da escola. Os dois instrumentos foram validados nas dimensões técnica e de conteúdo por dois especialistas em Avaliação do Curso de Mestrado Profissional em Avaliação, da Fundação Cesgranrio.

É necessário reiterar que a autora desta avaliação atua na Escola Oga Mitá como Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental II. Esta condição se desdobrou em uma situação de “imersão natural” no *locus* da avaliação.

Quadro 2 – Correspondência entre itens dos instrumentos e questões do estudo

Questão avaliativa	Instrumento	Itens correspondentes
1	Questionário dos professores	1, 2, 3, 8 e 9
	Roteiro da entrevista	1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7
2	Questionário dos professores	4, 5, 6 e 7

Fonte: A autora (2014).

3.3.1 Entrevista

A entrevista é uma forma de se obter informações por meio da conversação (SILVA, 2012, p. 149). É um instrumento próprio da técnica de interrogação que envolve duas pessoas em interação próxima. A entrevista se adequa aos propósitos de coleta de dados que envolvam aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais (SILVA, 2012, p. 150). Dessa forma, mostra-se particularmente útil para se obter informações sobre conhecimentos, julgamentos, opiniões, crenças, sentimentos, comportamentos, necessidades e expectativas.

A entrevista possibilita ainda um espaço de interação face a face entre o entrevistador e o entrevistado, onde gestos, expressões, pausas, negações, lapsos, hesitações, ênfases e repetições podem enriquecer a interpretação e a análise dos dados que estão sendo coligidos.

Dentro do desenho desta avaliação, a entrevista elaborada para o Diretor Geral da Escola Oga Mitá, do ponto de vista da organização, configurou-se, como uma entrevista semiestruturada, com nove temas geradores básicos (APÊNDICE A).

A entrevista versou sobre o marco conceitual da escola, os princípios pedagógicos, as finalidades e objetivos do Ensino Fundamental e ainda, sobre o sistema de avaliação utilizado na escola e no Ensino Fundamental II.

No entanto, deve ser ressaltado que a posição do Diretor da Escola é diferenciada em relação ao objeto da avaliação comparativamente aos outros participantes da avaliação. Cabe registrar que o Diretor Geral foi um dos fundadores da Escola Oga Mitá e, como tal, participou da elaboração do marco pedagógico da Escola. A entrevista, neste caso, passa a ter uma preocupação exclusivamente individual e dá oportunidade ao entrevistado de refletir e se aprofundar nos assuntos abordados.

3.3.2 Questionário

O questionário é um instrumento próprio da técnica de indagação, onde são planejadas perguntas de acordo com o objetivo da avaliação. No questionário podem existir questões com diferentes características como, por exemplo, questões abertas, questões fechadas, questões de ordenação e questões de associação. Os questionários costumam ser aplicados em estudos de larga escala. Assim como a entrevista, o questionário é um instrumento adequado para captar dados relativos ao conhecimento de fatos, comportamentos, opiniões, julgamentos, interesses, expectativas, entre outros tipos de informação (ELLIOT; HILDENBRAND; BERENGER, 2012, p. 27).

O questionário aplicado junto aos professores constou de uma primeira parte destinada à identificação do respondente e uma segunda parte com 10 questões abertas (APÊNDICE B). As questões tratavam de:

- 1) Conhecimento da proposta pedagógica;
- 2) A visão do professor sobre o processo de avaliação no Ensino Fundamental II;
- 3) Conhecimento do processo de avaliação;
- 4) Avaliação do professor sobre a avaliação da aprendizagem;
- 5) Avaliação do professor sobre a avaliação da aprendizagem;
- 6) Avaliação do professor sobre a autoavaliação discente;
- 7) Avaliação do professor sobre a autoavaliação discente;
- 8) Conhecimento do processo de avaliação;
- 9) Avaliação do professor acerca da efetividade do processo de avaliação em relação à proposta pedagógica da escola;
- 10) Sugestões dos professores.

3.3.3 Dados advindos da participação

O desenho original desta avaliação não previu a observação como um instrumento de investigação, contudo, o fato de a avaliadora trabalhar como Coordenadora Pedagógica no próprio *locus* da avaliação, tornou inevitável que a experiência cotidiana contribuísse para o diagnóstico da realidade investigada.

A observação como método de coleta de dados já está consolidada em diferentes campos da pesquisa e tem sido bastante utilizada em estudos qualitativos na área das ciências humanas e sociais (SÁ EARP, 2012). A já mencionada participação da autora no contexto da avaliação ganhou contornos de observação participante. A observação participante, segundo Sá Earp (2012), apresenta vários aspectos, onde dois se destacam para este estudo: a) a permanência do observador no campo a ser investigado e b) a peculiaridade do olhar e da escuta do avaliador. Quanto ao primeiro aspecto, como vimos, a avaliadora é coordenadora pedagógica na instituição onde se desenvolveu a avaliação. Desse modo a sua permanência no local da investigação foi determinante. Acrescente-se que ao longo da avaliação, a autora dirigiu suas atenções para os fatos relacionados a esta avaliação, desenvolvendo um olhar e uma escuta com foco delimitado. Isto, de fato não foi planejado, aconteceu naturalmente, mas forneceu dados importantes para a avaliação, contribuindo especificamente para a construção dos instrumentos, para a sua aplicação e para a interpretação dos dados.

3.4 COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS

A entrevista realizada com o Diretor da Escola aconteceu na sala dos professores da Escola, foi gravada em áudio e gerou um arquivo de 90 min, que posteriormente foi transcrito. Os questionários foram enviados a todos os 17 professores do Ensino Fundamental II, via *e-mail*, durante o período de férias escolares, em janeiro de 2013, e o retorno das respostas veio de 12 professores.

Os dados quantitativos foram tratados descritivamente e os qualitativos analisados, buscando consistência e singularidade dos julgamentos e opiniões emitidas pelos professores.

Para a análise e interpretação dos dados, foi utilizado o método da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Buscou-se localizar acordos e recorrências nas falas dos

sujeitos que estivessem relacionadas com os indicadores formulados para as questões avaliativas. Esta análise foi realizada por questão. A partir desse ponto foram geradas as categorias de análise.

Os dados oriundos da entrevista e do questionário foram tratados primeiramente de forma separada. Todavia, durante a análise, esses dados foram combinados com os dados advindos da participação da avaliadora, constituindo assim uma triangulação, conforme descrevem Worthen, Sanders e Fitzpatrick (2004, p. 534).

4 RESULTADOS

Este capítulo refere-se à análise dos dados obtidos a partir das informações fornecidas pelos respondentes por meio dos instrumentos de avaliação utilizados, bem como de dados advindos da participação da avaliadora no *locus* da avaliação. Esta análise utilizou as indicações de Worthen, Sanders e Fitzpatrick (2004) acerca da análise de informações qualitativas.

Os dados para este estudo foram gerados a partir de três fontes: uma entrevista realizada com o Diretor Geral da Escola Oga Mitá, um questionário, com 10 questões, realizado junto aos professores da escola e dados advindos da participação (observação) da avaliadora na escola.

4.1 ENTREVISTA COM O DIRETOR DA ESCOLA OGA MITÁ

Em 11 de novembro de 2013, a autora realizou uma entrevista com o diretor da Escola Oga Mitá, Aristeo Gonçalves Leite Filho, membro fundador da escola e mentor do projeto pedagógico. A entrevista foi realizada a partir de questões abertas, eventualmente com acréscimos e comentários da autora. Os temas centrais da entrevista foram: a) o marco conceitual da escola, b) os princípios pedagógicos da escola, c) as finalidades e os objetivos do Ensino Fundamental II, na Escola Oga Mitá, d) o processo de avaliação no Ensino Fundamental II, e) a relação dos alunos da Escola Oga Mitá com a avaliação, f) a autoavaliação, g) a cola.

➤ Marco Conceitual

Sobre o tema marco conceitual houve um posicionamento do entrevistado, identificando o fato de que os seus fundadores tinham o desejo da realização de um Projeto de Educação que não fosse igual àquele em que os fundadores foram educados. Um projeto que pudesse educar de forma diferente daquele tipo de educação tradicional que haviam recebido. A busca por uma pedagogia que fosse voltada para a aprendizagem e não somente para o ensino parecia ser a meta daqueles jovens. Para o entrevistado, “na Escola Oga Mitá só tem graça, só tem sentido, só tem significado ensinar na perspectiva do aprender”.

Outro aspecto considerado como marco conceitual pelo Diretor Geral é que o projeto da escola é comprometido com o outro; a escola acredita que para alguém ser feliz, precisa do outro.

Eu diria que o projeto da Oga Mitá é um projeto compromissado com o outro. Acho que uma grande marca – aí eu acho que é conceitual, sim – é acreditarmos que para ser feliz precisamos dos outros. Então, neste sentido a Oga Mitá tem um projeto de comunidade, do que é coletivo, e que exige cooperação e solidariedade.

➤ Princípios Pedagógicos

Os quatro princípios incorporados pela escola, a partir da pedagogia Freinet - cooperação, afetividade, comunicação e registro - foram comentados.

Freinet trabalhou com a cooperação no sentido de educar os jovens e as crianças para serem cooperativas, preocupando-se com a formação desses jovens sobretudo nos que vivem em sociedades cuja cultura está em preparar os indivíduos para que sejam competitivos. Ainda no relato sobre a cooperação, o entrevistado diz que para Freinet, o mais importante era a possibilidade de os indivíduos se deslocarem de si próprios para o bem comum. Neste sentido, reproduz uma fala de Freinet, quando se referia à escola em que trabalhava: “Esta escola não é sua, esta escola é nossa, esta sala de aula é nossa, este material é nosso”.

A afetividade era a escola viva de Freinet, que tinha como objetivo a expressão dos sentimentos e das emoções. Para ele, a afetividade era muito maior do que isso; era a possibilidade de uns afetarem os outros. E assim, é a expectativa do Projeto Pedagógico da Escola Oga Mitá: que os envolvidos no processo se afetem.

O princípio da comunicação está ligado à expressão. Se as pessoas trabalham cooperativamente, nas coisas que são comuns, afetando-se mutuamente, é preciso que se comuniquem uns com os outros.

Se você trabalha cooperativamente no que é nosso, num espaço que não tem só a propriedade privada, mas coisas coletivas em que um afeta o outro e o outro afeta um, então eu preciso expressar o que está indo, o que eu aprendi e que eu descobri. Por escrito, por desenho, por maquete, por pintura, nas múltiplas linguagens.

Por fim, imbricado com os outros três princípios está o registro: é preciso ter memória e fazer memória, a partir da criação de documentos. Documentos se guardam para sempre e quando se deseja, podem ser resgatados permitindo (re)viver a história construída pela coletividade.

➤ Finalidades e os objetivos do Ensino Fundamental II

Na visão do entrevistado, a Escola Oga Mitá, ainda está presa ao modelo estrutural que a divide por segmentos de ensino. Mantem uma estrutura copiada do modelo escolar que está posto na sociedade brasileira, pela legislação vigente. Entretanto, é possível perceber que, cada vez mais, este modelo vai sendo discutido. Na Escola Oga Mitá, no Ensino Fundamental II, o modelo independe um pouco desse formato e em muitas oportunidades, pode-se ver a escola trabalhando com projetos, com a articulação entre os componentes curriculares.

Entretanto, o mais relevante para o Diretor Geral é o fato de os estudantes demonstrarem perceber o conhecimento de forma integrada, e não isolada, por componentes curriculares. É possível assistir a uma aula em que estão presentes os professores de Matemática, Física e Educação Física para uma temática que aborda várias áreas do conhecimento.

Em muitos momentos, fica evidente na fala do entrevistado, em muitos momentos, a preocupação da escola com a formação da pessoa humana. Para ele, a qualidade da proposta pedagógica da Escola Oga Mitá, “É estar ligada às pessoas. Acredito que escola é o resultado da equipe que trabalha nela”. O Diretor, o tempo todo, ressalta a sua preocupação com o sujeito, com os jovens, com a formação deles. Diz o entrevistado,

O garoto vai estudar conteúdo, sim, mas não cuidamos só da cabeça dele., cuidamos do dono da cabeça, não é uma coisa só cognitiva, só conteudista nesse sentido. Nós trabalhamos conteúdos, conhecimentos que são processados no cérebro dele, mas cuidamos do dono do cérebro, que é adolescente, que tem conflitos, que vive isso e vive aquilo.

A clareza que os profissionais que trabalham no segmento do Ensino Fundamental II têm sobre os princípios filosóficos, os valores, os marcos da educação - muito mais do que do ensino -, é o que lhes possibilita percorrer diferentes caminhos de ensino.

➤ O processo de avaliação no Ensino Fundamental II,

Indagado sobre o processo de avaliação da Escola Oga Mitá e, em especial do Ensino Fundamental II, o diretor disse que, desde o início da fundação da escola, havia a preocupação de que o ensino e a aprendizagem não se desvinculassem e que os estudantes fossem vistos dentro de seus próprios processos de aprendizagem, sem haver comparações de uns com os outros. Na Escola Oga Mitá não se avalia só a aprendizagem do aluno; é preciso que essa aprendizagem esteja circunscrita na proposta pedagógica da escola, que é muito ligada às questões culturais, à arte, à expressão comunicativa. Dessa forma, a avaliação considera o estudante no grupo, na relação com os colegas, com os professores, com os demais adultos e com ele mesmo.

Segundo o entrevistado, a avaliação na Escola Oga Mitá, fugiu do modelo de avaliação episódica, que é expressa só por notas que são obtidas a partir de testes e provas. Para demonstração da aprendizagem dos estudantes, pode-se usar teste, prova, exercício, mas também uma dança e uma representação teatral. A autoavaliação do aluno, para o entrevistado, trata-se de forma de avaliação que possibilita ao estudante pensar sobre ele mesmo. Recentemente, foi iniciado na escola a autoavaliação com os professores. A autoavaliação possibilita que o professor possa refletir sobre a sua atuação e vivenciar o mesmo processo avaliativo percorrido pelo estudante.

➤ A autoavaliação

Segundo o Diretor Geral, desde que as crianças entram na escola trabalham de forma intencional, com a avaliação. Inicialmente, na educação Infantil, elas avaliam o dia, a semana, o passeio, o trabalho que fazem. A partir do 1º segmento do Ensino Fundamental, se inicia o trabalho com a autoavaliação. São construídos roteiros, questionários, instrumentos em que o estudante possa expressar como está vendo o seu processo na escola. Para o Diretor Geral, viver o processo de autoavaliação é decisivo no que diz respeito à prática política da avaliação.

Eu penso que ele é decisivo no que diz respeito à prática política da avaliação. Acho que este é o princípio da Oga Mitá. Uma escola que trabalha com cooperação não pode se furtar de envolver o aprendiz na própria avaliação da sua aprendizagem. A avaliação fica muito de cima para baixo quando quem aprende não tem vez na avaliação.

Para ele, a autoavaliação é o espaço de troca no processo de avaliação, onde o professor avalia o estudante e ele próprio se avalia, mostrando ao professor como faz uso. É um processo dialógico. Um ato educativo e não só avaliativo.

➤ A cola

Sobre a cola, o entrevistado, diz que a cola expressa a educação moral e ética que os estudantes têm recebido; percebe “A questão da cola é um pouco assim. É muito contagiante o valor da correção, da honestidade, da franqueza e, sem dúvida alguma, está ligado a essa cultura da avaliação”.

Para ele, a cola é a demonstração da falência desse modelo que ameaça o estudante, que é autoritário e impositivo. Além disso, está associada a um princípio educativo ruim, que é o do “se dar bem”, de trapacear o outro. A Escola Oga Mitá tem uma pedagogia que constrói a ética, que é a pedagogia da autonomia.

Você tem que ser honesta com você mesma, você não precisa ser honesta para o outro. Sendo honesta com você, você não vai passar ninguém para trás, você não vai esconder. Isto está posto como princípio da transparência e da honestidade. Então a cola é uma desonestidade.

Para concluir a entrevista, o Diretor diz que a escola vem construindo este valor da honestidade, da franqueza, da transparência e que dá uma tranquilidade muito grande o fato de permitir aos estudantes se revelarem sobre o que aprenderam e sobre o que ainda precisam aprender.

4.2 A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DA ESCOLA OGA MITÁ – ENSINO FUNDAMENTAL II

Dos 12 professores que responderam o questionário, oito são do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Em relação ao tempo de trabalho no magistério, há quatro professores com menos de 6 anos de experiência e há apenas dois professores com mais de 10 anos de experiência. Em relação ao tempo de trabalho na Escola Oga Mitá, seis professores têm menos de dois anos de trabalho na escola. Trata-se, portanto, de um grupo relativamente novo, na profissão e na escola.

Ainda sobre o perfil dos professores, constatou-se que do total de respondentes, nove possuem pós-graduação e, desses, cinco possuem essa pós-

graduação na área de atuação. Os demais têm pós-graduação em áreas distintas como, Informática Educativa, Educação, Gestão de Recursos Humanos, Administração Escolar.

O questionário aplicado levantou as percepções e opiniões dos 12 professores sobre a avaliação da Escola Oga Mitá e do Ensino Fundamental II. Após o exame dos dados respondidos nas 10 questões, as respostas foram agrupadas em categorias, conforme pode ser visto nas tabelas a seguir.

A primeira questão formulada foi sobre como o professor descreveria a pedagogia da Escola Oga Mitá, buscando saber quais os elementos mais importantes para cada um deles.

Tabela 1 – Elementos Fundamentais da proposta Pedagógica na Perspectiva dos Docentes da Escola Oga Mitá

Categorias	Professores												Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Entende que o processo ensino-aprendizagem é dialógico e de corresponsabilidade	1	1	1		1		1	1		1	1		8
Tem preocupação com as individualidades dos alunos	1		1	1	1	1	1		1		1		8
Preocupa-se com a formação moral e ética do cidadão crítico	1	1	1	1		1				1			6
Utiliza os princípios da Pedagogia de Freinet	1							1		1		1	4
Considera que as aprendizagens devam ser significativas	1								1	1			3
Visa a autonomia		1										1	2
É construtivista e humanista					1						1		2

Fonte: A autora (2013).

Na percepção dos professores, a pedagogia da escola possui três aspectos que se destacam: a adoção de um processo de ensino e aprendizagem dialógico e de corresponsabilidade, a preocupação com as individualidades dos alunos e a formação moral e do cidadão crítico.

Uma parcela de 3/4 dos docentes respondentes da Escola Oga Mitá entende que a pedagogia adotada promove um processo de ensino-aprendizagem dialógico e corresponsável. Esta percepção é coerente com a filosofia da Escola (OGA MITÁ, 2010b). Os processos de ensino-aprendizagem dialógicos e de corresponsabilidade são manifestações das pedagogias mais críticas, onde o papel do professor é de mediação entre aquilo que se deve conhecer e as ações dos alunos. Esta perspectiva tenta superar a visão tradicional onde o professor é visto como emissor e narrador, e o aluno é visto como mero receptáculo de informações. Para Freire (1982), este é o modelo tradicional da “educação bancária”. A mesma proporção de docentes destaca que a pedagogia da Escola Oga Mitá, no Ensino Fundamental II, tem preocupação com as individualidades dos alunos.

A metade dos professores indica que a formação moral e ética e do cidadão crítico é uma característica da pedagogia da escola, também coerente com sua filosofia (OGA MITÁ, 2010b), que privilegia a formação de pessoas capazes de respeitar os direitos e deveres do cidadão, no exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

A descrição da pedagogia da Escola Oga Mitá, pelos professores que responderam ao questionário apresenta mais alguns aspectos que, embora de menor incidência nas respostas dadas, parecem relevantes para a avaliação que foi realizada. Um terço dos docentes identifica na pedagogia utilizada pela escola, os princípios da Pedagogia Freinet: a cooperação, a comunicação, a afetividade e o registro, descritos na Proposta Pedagógica da Escola Oga Mitá (OGA MITÁ, 2010a). Além disto, consideram que tais princípios são importantes para o desenvolvimento do projeto da Escola.

Alguns poucos docentes apontam, em suas respostas, a importância de que as aprendizagens sejam significativas para os estudantes; que a pedagogia da Escola Oga Mitá privilegia o desenvolvimento da autonomia do estudante, o que pode ser identificado em sua Proposta Pedagógica (OGA MITÁ, 2010a); que a escola conserva perspectivas construtivistas e humanistas. As respostas dos professores nesta questão estão alinhadas com o Projeto Pedagógico da Escola.

A segunda questão do questionário foi “como você vê o processo de avaliação na escola”?

Tabela 2 - O processo de avaliação na escola na opinião dos professores

Categorias	Professores												Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Reflexão sobre cada estudante em seu processo de desenvolvimento individual	1	1		1			1		1			1	6
Autoavaliação discente	1				1		1	1	1		1		6
Abrangente, Integral e qualitativa				1				1			1	1	4
Avaliação Diagnóstica/diagnóstico continuado/Avaliação como processo	1									1		1	3
Trabalhoso/viabilidade		1					1		1				3
Eficaz/Preciso/Justo					1	1				1			3
Metacognitiva										1	1		2
Descrédito por parte de alguns alunos						1							1

Fonte: A autora (2013).

Na segunda questão do instrumento, o objetivo foi identificar como os professores percebem o processo de avaliação da escola. Um dos pontos fortes, apontado por metade dos respondentes, foi que o sistema de avaliação utilizado leva em consideração a individualidade de cada estudante. Segundo os professores, os estudantes são percebidos e tratados de forma singular. Esta percepção está coerente com o que é orientado na Proposta Pedagógica (OGA MITÁ, 2010a).

O outro ponto forte nas respostas encontradas foi a autoavaliação. Para os professores, a autoavaliação tem um significado bastante denso no processo de avaliação da escola. Metade dos professores entende que a autoavaliação é parte constitutiva da avaliação escolar. Correspondendo a 1/3 das respostas, qualificam a avaliação na escola como sendo abrangente, integral e qualitativa. A percepção de que a avaliação tem caráter de diagnóstico continuado aparece nas respostas de três dos professores. Assim, segundo a percepção dos professores, as principais características da avaliação da aprendizagem na Escola Oga Mitá, no Ensino Fundamental II, são a avaliação processual e a individualização, onde a autoavaliação ocupa um lugar destacado.

A Tabela 2 mostra ainda que três docentes consideraram o processo de avaliação trabalhoso. Esta opinião pode estar diretamente relacionada à comparação que os docentes fazem com outros sistemas de avaliação mais tradicionais e considerados menos trabalhosos. Outra possibilidade é que, pelo fato de os professores trabalharem em outras escolas, ficam assoberbados de trabalho, independentemente dos reais afazeres que o sistema exige. Parece coerente pensar que uma escola que trabalha com um sistema mais complexo e trabalhoso, necessite de mais dedicação e de mais tempo dos professores.

Ainda nesta questão, três respondentes indicam que o processo de avaliação da escola é eficaz, preciso e justo tendo em vista os critérios de qualidade na avaliação realizada na escola.

Foram ainda encontradas duas respostas que indicam que a metacognição é um aspecto importante da avaliação na escola e é possível que seja valorizado, pois é consequência de um processo avaliativo dialógico. Cabe destacar um aspecto negativo na descrição da avaliação. Um dos professores atribuiu o descrédito dos alunos a esse modelo de avaliação. Este ponto será comentado, na questão nº 5.

Fazendo uma análise de todas as respostas dadas a esta questão, pode-se concluir que a opinião dos docentes sobre o processo de avaliação da escola é embasada mais pela dimensão qualitativa da avaliação do que pela dimensão quantitativa.

A terceira questão formulada aos professores solicitou que descrevessem as etapas do processo de avaliação da aprendizagem da Escola Oga Mitá.

Tabela 3 – Etapas do processo de avaliação da aprendizagem

Categorias	Professores												Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Planejamento, aplicação dos conceitos, revisão, avaliação, recuperação		1	1		1		1	1			1	1	7
Diagnóstico continuado	1			1	1		1		1			1	6
Participação efetiva do aluno/negociação	1		1				1	1		1	1		6

(Continuação)

(Conclusão)

Categorias	Professores												Total	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12		
Utilização de diferentes instrumentos de avaliação	1				1		1						1	4
Avaliação do professor e autoavaliação			1	1									1	3

Fonte: A autora (2013).

Dos 12 respondentes, apenas um deixou de responder a esta questão. Foram encontradas sete respostas que descrevem o processo de avaliação realizado na escola em sequência cronológica: planejamento, aplicação dos conceitos, revisão, avaliação, recuperação. Fica assim evidenciado uma rotina de avaliação escolar, o que era esperado.

As demais respostas indicam elementos importantes presentes na avaliação. Os aspectos diagnóstico continuado e participação efetiva do aluno, mencionados por seis professores, são conceitos presentes em propostas educativas avançadas, onde a avaliação é concebida como momento privilegiado de aprendizado. Para quatro professores, a utilização de diferentes instrumentos de avaliação sugere uma avaliação abrangente e possivelmente mais eficaz, precisa e justa, tal como destacado pelos respondentes na 2ª questão.

Observa-se, também, nas respostas dadas nesta questão, o entendimento, o reconhecimento e a valorização da autoavaliação, no processo de avaliação do estudante, que pode ser identificada na resposta dada por um dos professores à pergunta feita:

Na avaliação, investigamos a QUALIDADE do objeto de estudo que foi planejado e executado, podendo reformular o planejamento, caso necessário, e/ou darmos continuidade no processo de ensino-aprendizagem. A avaliação se dá em primeiro lugar, por meio da autoavaliação onde se valoriza a metacognição do discente. Em seguida, é realizada a avaliação docente sobre o discente, baseando-se nos registros realizados processualmente e, também, por meio de teste e fichas avaliativas que fazem *link* com os objetivos elencados. Anterior e finalmente o processo culmina com a realização da discussão entre discente e o docente sobre a qualidade do objeto de estudo. (Respondente 12).

Nessa resposta parece ficar claro que, na prática, a forma com que a avaliação no Ensino Fundamental II acontece, vai ao encontro dos preceitos avaliativos normatizados na Proposta Pedagógica Escolar (OGA MITÁ, 2010a). Há uma evidente preocupação dos docentes com a avaliação qualitativa, com a função diagnóstica da avaliação, com o processo de construção consciente do educando em relação às suas aprendizagens, com a utilização de tipos diferentes de instrumentos de avaliação e com a negociação.

A quarta questão formulada aos professores, buscou levantar aspectos positivos do modelo de avaliação da aprendizagem adotado na Escola Oga Mitá, especificamente no Ensino Fundamental II. A Tabela 4 exhibe os resultados identificados no estudo.

Tabela 4 - Aspectos positivos do modelo de avaliação da aprendizagem.

Categorias	Professores												Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Processo dialógico/Autoavaliação	1	1	1	1	1	1	1		1	1		1	10
Metacognição		1	1	1	1	1	1	1		1		1	9
Diagnóstico continuado/ Feed back imediato e permanente	1			1		1		1	1			1	6
Eficácia/Precisão			1								1	1	3

Fonte: A autora (2013).

Com incidência bem elevada, 10 docentes reconhecem como ponto mais positivo nesse sistema de avaliação os processos dialógicos e a autoavaliação. Logo a seguir, com nove respostas, identifica-se a “metacognição”. Essas duas categorias se complementam, pois é possível afirmar que o processo dialógico no ensino-aprendizagem e a autoavaliação são condições essenciais para que o aluno desenvolva processos metacognitivos, alcançando os objetivos educacionais de forma consistente.

A metacognição é um conceito ainda em discussão, sem definição precisa, mas já reconhecido como processo para potencializar a aprendizagem. Para Ribeiro (2003), “a metacognição diz respeito, entre outras coisas, ao conhecimento do próprio conhecimento, à avaliação, à regulação e à organização dos próprios processos cognitivos”. Os alunos que são capazes de conhecer o próprio

conhecimento e reconhecer os seus erros ou aquilo que ainda não sabem, fazem uso da metacognição. As trocas dialógicas entre professores e alunos, durante as aulas e durante as avaliações, facilitam a tomada de consciência dos alunos sobre o seu próprio desenvolvimento.

Outros aspectos positivos que aparecem no conjunto de respostas são o diagnóstico continuado e o *feedback* permanente e imediato, com seis indicações. Os professores reconhecem o valor da avaliação processual e contínua, onde é possível comunicar aos alunos o seu desempenho, contribuindo assim para o aprimoramento da aprendizagem. O comentário apresentado por um dos professores evidencia a importância dos aspectos considerados onde há

O respeito ao ritmo de cada aluno, a possibilidade de rever conceitos que ficariam para trás, o maior diálogo entre professor/aluno e, por fim, a conscientização do avaliado a respeito das suas dificuldades. (Respondente 6).

Outras duas qualidades lembradas por três professores foram a eficácia e a precisão. Ainda que de baixa incidência em relação às demais respostas, estes aspectos podem estar associados a uma preocupação com a objetividade da avaliação da aprendizagem. Todavia, a avaliação da aprendizagem não é livre de subjetividades, na medida em que a aprendizagem é um processo individual e a construção de saberes é um processo criativo. Sendo assim, a avaliação da aprendizagem será sempre imprecisa, convertendo-se desta maneira em uma aproximação da realidade. Os dois aspectos citados podem ser interpretados como uma legitimação do modelo de avaliação da escola, julgados positivamente pelos professores.

A quinta questão do instrumento dos professores pretendeu trazer o “outro lado” do modelo de avaliação da aprendizagem adotado (Tabela 5).

Tabela 5 – Aspectos negativos do modelo de avaliação da aprendizagem

Categorias	Professores												Total	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12		
Trabalhoso			1	1	1	1	1			1				6
Pouco tempo disponível						1	1	1				1		4

(Continuação)

(Conclusão)

Categorias	Professores												Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Falseamento da autoavaliação/ Falta de amadurecimento e seriedade de alguns alunos		1			1		1						3
Imprecisão na quantificação das faixas		1										1	2
Não vê aspectos negativos	1									1			2

Fonte: A autora (2013).

Nesta questão, pode-se constatar que dois respondentes não atribuíram aspectos negativos ao modelo de avaliação adotado pela escola. No entanto, para metade dos respondentes, o tipo de avaliação realizado no Ensino Fundamental II é trabalhoso. Aparecem quatro respostas que indicam que o tempo disponível para a operacionalização do processo de avaliação é pouco. A fórmula de trabalho dividido por tempo tem resultado negativo. Uma explicação plausível é o fato que, de modo geral, os professores, trabalham em mais de uma instituição, dividindo o seu tempo semanal de trabalho com muitos alunos. Outra consideração a ser feita é que os professores em seus trajetos profissionais lidam com modelos de avaliação convencionais, baseados apenas em resultados, provas, testes e trabalhos, o que é menos trabalhoso. Por hipótese, se os professores tivessem melhores condições de trabalho, em que pudessem se dedicar a um número menor de escolas, esse aspecto que aparece como “negativo”, talvez pudesse ganhar outra dimensão. A fala de dois respondentes ilustra bem a situação dos professores em relação ao tempo e à tarefa

Difícil viabilização do diálogo do professor/aluno no universo da sala de aula (tempo de 50 minutos com tantos alunos dentro da sala), difícil adequação à rotina do professor-horista que trabalha em diferentes escolas. Esta avaliação requer um tempo do professor muito maior que a elaboração e correção de provas, até porque as provas não deixam de existir, é claro. (Respondente 6).

Acredito que a Escola Oga Mitá é um ponto de resistência na educação e isso requer esforços do diretor que precisa manter uma turma como a Aikanã, por exemplo, com apenas 8 alunos. Mas também requer esforços do corpo docente, que tem que dedicar

muito mais trabalho e envolvimento do que em qualquer outra escola que ele trabalha. (Respondente 6).

Ser excessivamente trabalhoso para o professor. Devido aos baixos salários, os professores são obrigados a se submeterem (a) uma rotina de trabalho muito intensa. Trabalhando em várias escolas, de lugares significativamente distantes, o que causa um desgaste físico e mental, no trânsito entre esses lugares, e no acompanhamento das várias turmas, em muitos casos lotadas. Preparo de matérias extras (como listas, fichas e provas para alunos que necessitem de uma atenção de um olhar mais criterioso). Nessas situações extremas, este modelo pode ter um pouco da sua qualidade comprometida devido ao desgaste da rotina intensa. (Respondente 3).

Dois aspectos considerados como relevantes, apesar de ter aparecido apenas com três respostas, são o falseamento da autoavaliação e falta de amadurecimento e de seriedade de alguns alunos. Tais aspectos parecem sensibilizar os professores demonstrando sua preocupação com o risco de manipulação dos resultados da aprendizagem, pelo aluno, no processo de autoavaliação, criando um viés na avaliação da aprendizagem.

O risco de falseamento na autoavaliação parece real, entretanto não se pode explicar tal risco de forma reduzida, responsabilizando-se moralmente os alunos. É bastante razoável se pensar que o falseamento ou mascaramento de resultados esteja relacionado com a falta de hábito e de habilidade do aluno em lidar com a autoavaliação.

Outra possibilidade para se compreender a falta de amadurecimento e seriedade de alguns alunos, como empecilho para a autoavaliação, pode estar relacionada à cultura da avaliação classificatória, que preconiza que o mais importante é a nota e o resultado final, e não o desenvolvimento do sujeito e o curso de suas aprendizagens. A cultura da avaliação classificatória, sendo predominante na educação, pode interferir em alguma medida no comportamento dos alunos diante da autoavaliação.

Quando respondeu sobre os aspectos negativos na autoavaliação, um dos professores mencionou “a falta de maturidade de alguns alunos, que talvez, sejam tentados a colocar uma nota artificial apenas visando uma nota suficiente para o seu bom conceito ou sua aprovação”.

Independentemente dos motivos que provocam o falseamento na autoavaliação por alguns alunos, pode-se considerar que o exercício da

autoavaliação seja uma oportunidade de aprendizagem para o jovem, em que o erro é encarado como uma etapa do próprio processo de aprender.

A resposta imprecisão nas faixas, se refere aos intervalos de quantificação da aprendizagem do estudante na Ficha de Avaliação do Aluno, que, segundo dois professores, é demasiado reduzido.

Ao dar um número, ao avaliarmos um objetivo, nem sempre fica claro, para o estudante principalmente, se este alcançou o objetivo ou não. A diferença entre um conceito 2,5 ou um 3 nem sempre fica clara. (Respondente 2)

Este aspecto parece ter bastante relevância, pois aparece com frequência no cotidiano da escola e em reuniões dos Conselhos de Classe do Ensino Fundamental II, conforme foi observado pela avaliadora.

As questões 6 e 7 se referiram, respectivamente, a aspectos positivos e negativos da autoavaliação dos estudantes da escola. Os resultados constam das Tabelas 6 e 7.

Tabela 6 – Aspectos positivos da autoavaliação discente no processo da avaliação da aprendizagem

Categorias	Professores												Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Metacognição				1		1	1	1		1	1	1	7
Maior possibilidade de comunicação entre estudantes e professores/negociação	1									1	1		3
Responsabilização, amadurecimento e autonomia do aluno/tomada de decisão/exercício de honestidade	1		1		1	1							4
Melhor diagnóstico/ <i>feedback</i> imediato	1										1	1	3
Menos estressante e menos opressiva em relação à prova			1										1
Torna o aluno mais exigente em relação ao professor					1								1

Fonte: A autora (2013).

Analisando os dados da Tabela 6, verifica-se que o aspecto mais positivo da autoavaliação, apontado por sete dos respondentes, é a metacognição. Esta resposta está de acordo com o encontrado na questão nº 4, sobre aspectos positivos da avaliação. A metacognição se confirma como um dos aspectos, ou um dos efeitos, mais fortes do modelo de avaliação da Escola Oga Mitá.

A possibilidade de diálogo entre estudantes e professores tornando-os aliados na busca de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, o exercício da honestidade, a responsabilização e amadurecimento dos alunos, são aspectos revelados como positivos por três dos professores. Esses aspectos parecem articulados, na medida em que o exercício da negociação pressupõe responsabilidade e amadurecimento dos sujeitos.

Quatro respostas aparecem sinalizando a compreensão de que o exercício da autoavaliação coopera na formação de sujeitos autônomos, o que pressupõe responsabilidade, amadurecimento, honestidade e tomada de decisão.

A possibilidade de utilizar a autoavaliação para um melhor diagnóstico e o resultado possibilitar o rápido retorno aos estudantes sobre o que precisa ser revisto em seu aprendizado é apontado por três respondentes como um aspecto positivo, que é importante para a metacognição.

Um professor aponta a autoavaliação como positiva na medida em que apresenta-se como forma menos estressante e menos opressiva do que a prova para os estudantes. Na certeza de que suas percepções sobre si próprios serão respeitadas e consideradas pelos professores, é natural que os estudantes se sintam aliviados, comenta um dos professores.

Uma resposta considerou que a autoavaliação discente faz com ele exija um pouco mais coerência da avaliação que o docente lhe faz, na medida em que o próprio estudante encontra-se atento ao seu processo de aprendizagem.

Tabela 7- Aspectos negativos da autoavaliação discente no processo de avaliação da aprendizagem

Categorias	Professores												Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Risco de falseamento			1	1	1	1	1	1					6
Trabalho					1				1			1	3
Não vê	1									1			2
Dificuldade no diálogo quando as posição têm grande diferença						1					1		2
Imprecisão por causa da quantificação		1											1
Despreparo dos professores					1								1

Fonte: A autora (2013).

Dentre os pontos negativos observados na prática da autoavaliação discente, no sistema de avaliação da aprendizagem da escola, a metade dos respondentes apontou que este tipo de avaliação pode trazer falseamento em relação às percepções dos estudantes sobre as suas aprendizagens. Este falseamento pode estar localizado na supervalorização dos resultados das aprendizagens dos estudantes como uma forma de atendimento às expectativas sociais da avaliação para bons resultados, à revelia do processo.

A seguir, a fala de um dos professores da escola aborda o aspecto considerado:

Os alunos que apenas se preocupam com notas, principalmente por influência da família, e/ou que não apresentam maturidade suficiente: para eles, este tipo de avaliação é vazia ou *boba*; geralmente se dão notas altas, independente de suas reais conquistas em cada objetivo. (Respondente 5).

Para Vasconcelos (1998), este é um risco que se corre, quando a autoavaliação tem, em seu desenho final, a nota. Entretanto, mesmo que o sistema de avaliação utilizado pela Escola Oga Mitá esteja sujeito ao risco do falseamento, é importante examinar, também, os riscos que a avaliação convencional possui.

Além dessa reflexão, pode-se pensar que este possível “falseamento” seja o ônus que um sistema de avaliação de corresponsabilização de todas as partes

envolvidas sofra, por ser um sistema na contracultura do modelo da avaliação escolar tradicional: o modelo classificatório e competitivo.

Em uma escala menor, aparecem três respostas na categoria “trabalho”. Os docentes relatam que o processo da autoavaliação dos estudantes é muito trabalhoso, chegando a ser exaustivo para o professor:

Por se tratar de um processo avaliativo processual, ele se torna dispendioso, pois exige um trabalho constante, quase permanente e exaustivo. (Respondente 12).

Como já disse, dá trabalho. Ela não é uma nota crua, ela é um conjunto de saberes construídos, ao longo de um período. Corrigir prova e fazer média era mais fácil. Não diz nada ao estudante, mas facilita a vida do professor. (Respondente 9).

Nem todos os professores estão preparados para realizar esse tipo de avaliação, pois exige muito trabalho, registro constante, bom planejamento, criatividade, e abertura para aceitar as opiniões dos alunos. (Respondente 5).

Para a autora, outra categoria, que apesar de ter recebido apenas duas respostas dos professores respondentes, apresenta-se como dado relevante é “Dificuldade no diálogo quando as posições têm grande diferença”. Aqui parece estar presente a dificuldade do exercício da negociação, quando há uma discrepância significativa entre o valor atribuído pelo estudante em relação ao seu aprendizado e a visão do professor em relação ao aprendizado do estudante. Essa prática que parece inovadora, nos sistemas de avaliação, ainda pode estar em processo de aprendizagem por parte dos docentes:

Abre uma margem maior para o aluno contestar, de forma às vezes inadequada, aquilo que ele acha que foi o seu desempenho com a avaliação do professor (Respondente 11).

Duas outras categorias que, apesar de terem recebido apenas uma resposta de cada professor, parecem relevantes para esse estudo: a imprecisão por causa da quantificação e o despreparo dos professores.

Sobre a imprecisão da quantificação, o que foi observado por esse respondente é que os números não representam a real dimensão do que foi conquistado pelo aluno. A opinião deste professor confirma as teses de que as notas

geradas pelas avaliações, e as avaliações em geral, são apenas aproximações do real.

A falta de hábito dos professores em utilizar a autoavaliação talvez possa explicar o seu despreparo em relação a este aspecto, na medida em que este tipo de avaliação é pouco utilizado nos modelos de avaliação mais convencionais.

Dois professores não apontaram aspectos negativos na autoavaliação.

A 8ª questão procurou saber de que modo o “professor conhecia a Proposta Pedagógica da Escola Oga Mitá no que se refere à avaliação da aprendizagem”.

Tabela 8 – Conhecimento da Proposta Pedagógica da Escola Oga Mitá sobre a avaliação da aprendizagem

Categorias	Professores												Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Sim	1	1			1	1	1	1	1	1			8
Descreveu	1		1	1							1	1	5
Avaliou					1								1
Não													0

Fonte: A autora (2013).

Dos 12 professores, oito declararam conhecer a proposta pedagógica da Escola Oga Mitá. Além dessas respostas, quatro professores descreveram o processo de avaliação ao invés de fornecerem uma resposta simples, demonstrando que conhecem a proposta, detalhadamente. Um dos respondentes afirmou que conhece, mas acrescentou que “apesar de termos muitas conquistas, acho que temos muito que avançar para alcançarmos o ideal” (Respondente 5). Esta posição parece indicar que embora o processo de avaliação da escola seja considerado por ele com um processo atualizado, é necessário o aprimoramento constante.

A 9ª questão formulada por meio do questionário dos professores avaliou a forma pela qual o processo de avaliação da aprendizagem atende a proposta pedagógica da escola.

Tabela 9 – Em que medida a forma do processo de avaliação da aprendizagem atende à Proposta Pedagógica da escola

Categorias	Professores												Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Atende	1	1	1	1	1		1	1	1	1		1	10
Parcialmente						1							1
Descreveu											1		1

Fonte: A autora (2013).

De acordo com 10 professores, o processo de avaliação do ensino fundamental II atende plenamente à proposta pedagógica da Escola. Um dos respondentes descreve uma das qualidades do processo de avaliação, que é a interação dialógica entre aluno e professor e, com isso, de certa forma, confirma a adequação do sistema de avaliação à proposta pedagógica. O respondente 6, faz uma análise sobre o aspecto, concordando parcialmente, pois crê que o sistema de avaliação do ensino médio da Escola Oga Mitá seria o ideal, na medida em que as provas e outros instrumentos de avaliação compõem a nota diretamente.

Acredito que o sistema do Ensino Médio seria o ideal. O aluno se autoavalia, mas há também a valorização do atitudinal, do conteúdo isolado e tudo “monta” a nota do aluno de forma mais clara para ele. (Respondente 6)

A décima questão solicitou sugestões sobre o processo de avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental II.

Tabela 10 – Sugestões dos professores sobre avaliação da aprendizagem

	Categorias	Professores												Total
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
1	Avaliar permanentemente	1						1		1	1			4
2	Ampliar o espaço da avaliação tradicional			1										1
3	Estabelecer alguns objetivos atitudinais em comum											1		1

(Continuação)

(Conclusão)

	Categorias	Professores												Total
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
4	Informatizar e disponibilizar <i>on-line</i> na plataforma da escola		1											1
5	Justificar o sistema de avaliação junto aos estudantes e pais				1									1
6	Justificativa do aluno na autoavaliação		1											1
7	Maior compartilhamento de experiências entre os professores (<i>workshops</i>)					1								1
8	Trocar as faixas de valores proporcionais por faixas de conceitos proporcionais												1	1
9	Usar o modelo do Ensino Médio						1							1

Fonte: A autora (2013).

“Avaliar permanentemente” foi a sugestão que recebeu o maior quantitativo de respostas. Quatro professores sugerem que a avaliação seja objeto de discussão contínua entre os docentes para que possa estar sempre sendo repensado pela equipe de professores e coordenação pedagógica para ser aperfeiçoado, como fica expresso na fala de dois professores.

Penso que avaliação é o grande desafio da educação, de educadores e de estudantes, e que por isso precisa do nosso empenho para discutir, investigar e apontar novos caminhos que nos levem à consolidação da avaliação como elemento indissociável, integrado e essencial a qualquer proposta de ensino ética e responsável com o desenvolvimento humano (Respondente 1).

A minha sugestão é que, cada vez mais, nós educadores possamos aperfeiçoar nossos conhecimentos a respeito desse maravilhoso processo de aprendizagem, É fundamental que estejamos sempre engajados e capazes de lidar e superar as expectativas e perspectivas dos nossos estudantes (Respondente 10).

As outras sugestões, cada uma delas com uma incidência, são apresentadas ordenadamente e analisadas a seguir.

“Ampliar o espaço da avaliação tradicional”. A resposta dada pelo professor 3 sugere que, eventualmente, seja utilizada uma avaliação mais cartesiana, mais conservadora. Esta demanda pode ser compreendida se considerarmos que este professor está apenas há um ano na escola e que se aproximou do modelo de avaliação utilizado pela escola neste mesmo ano.

A palavra-chave talvez seja flexibilidade. Há situações onde avaliação cartesiana, mais forma ou tradicional, não seja a ideal, talvez seja a mais conveniente para situações particulares. Acredito que mesmo este tipo de avaliação, embora um tanto fria e severa, também tenha o seu valor. (Respondente 3)

“Estabelecer alguns objetivos atitudinais em comum”. Como não existe uma unidade nos objetivos atitudinais, cada componente curricular tem seus objetivos inspirados a partir dos valores de cada professor. Eventualmente há coincidências, porém não é uma determinação institucional.

Que os tópicos atitudinais tenham alguns pontos em comum para todos os professores, para depois analisar o desempenho e o comportamento do aluno de maneira mais global. Comparando avaliação em diferentes disciplinas e professores, traçar uma estratégia para ajudar melhor o seu desempenho e comportamento dentro de sala. (Respondente 11)

Os objetivos atitudinais fazem parte da formação moral do aluno e, como tal, são gerais, refletindo os valores presentes no Projeto Pedagógico da Escola, assim como os valores sociais. Por serem gerais e por serem conquistas de longo alcance, não são, e nem podem ser, atribuição exclusiva de uma ou outra disciplina. Justifica-se, assim, a proposta do docente pela busca da unidade nesta dimensão.

“Informatizar e disponibilizar *on-line* na plataforma da escola”. De fato, existe uma plataforma na escola e é possível a implantação do sistema de avaliação. É possível que o processo seja aprimorado.

“Justificar o sistema de avaliação junto aos estudantes e pais”. A perspectiva dessa sugestão pode ser justificada pela necessidade de o docente ter o apoio dos responsáveis dos estudantes em relação a um processo que é diferente da maioria dos processos de avaliação existentes nas escolas convencionais e que seja validado pelos mesmos. Como diz o professor:

Acho que devemos deixar claro para os estudantes e para os pais que, ao fazermos a avaliação dessa forma, estamos cuidando dos estudantes. Estamos dando voz a eles. E dar voz, significa ouvir e cuidar. Acho que esse método de avaliação deve ser divulgado como a forma mais humana e justa de avaliação que há atualmente. (Respondente 4).

“Justificativa do aluno na autoavaliação”. A proposta do respondente 2 é para solicitar ao estudante que justifique as suas respostas na autoavaliação. Esta ideia pode estar diretamente relacionada a uma busca de mais vivência de recursos metacognitivos e à tentativa de controle do falseamento ou da falta de seriedade na hora em que alguns estudantes se autoavaliam, conforme o discutido com os dados da Tabela 5.

“Maior compartilhamento de experiências entre os professores (*workshops*)”. Outra sugestão apresentada é que existam oportunidades para a troca entre as experiências vividas pelos docentes em relação aos seus alunos durante o processo da avaliação escolar. Essa troca pode ser esclarecedora e enriquecedora, aprimorando assim o processo de avaliação do segmento de ensino em estudo.

Outro item é a unidade dos professores. É muito importante que a equipe trabalhe em uníssono, compartilhando seus sucessos e insucessos no processo. (Respondente 5)

“Trocar as faixas de valores proporcionais por conceitos proporcionais”. Esta sugestão não está claramente explicitada, contudo é possível especular que o professor propõe a substituição da escala numérica, atualmente utilizada, por uma escala alfabética, enfatizando os aspectos subjetivos.

“Usar o modelo do Ensino Médio”. O respondente 6, confirma a posição identificada na questão anterior. Este professor crê que a avaliação deva ser um pouco mais convencional. De certa forma, esta sugestão colide com a sugestão anterior.

Em síntese, foram várias as sugestões recebidas e dessas, a autora, após a análise dos dados colhidos durante o estudo, aproveitou, no capítulo seguinte, seis sugestões. Dos 12 respondentes, apenas um não apresentou sugestão.

5 CONCLUSÕES E SUGESTÕES

5.1 CONCLUSÕES

Este estudo teve como objetivo avaliar o sistema de avaliação do Ensino Fundamental II da Escola Oga Mitá e foi orientado pela questão avaliativa que buscou reconhecer em que medida o sistema de avaliação do Ensino Fundamental II da Escola Oga Mitá atende aos objetivos da Proposta Pedagógica da Escola (OGA MITÁ, 2010a).

Os pontos positivos e negativos do modelo da avaliação utilizado no Ensino Fundamental II, na Escola Oga Mitá, foi outra questão avaliativa que colaborou, de forma importante, para a condução, análise, avaliação e recomendações do estudo.

A disponibilidade encontrada nos professores respondentes e no Diretor Geral da Escola Oga Mitá, advinda do forte interesse de todos pelo objeto de estudo, trouxe informações ricas que deram origem às categorias utilizadas neste estudo.

Desse modo, identificando os pontos positivos e negativos do modelo de avaliação utilizado no segmento de Ensino Fundamental II da Escola Oga Mitá, a autora conclui.

Pontos positivos:

- O processo dialógico entre avaliadores e avaliados, pois faz com que a avaliação ceda o lugar da imposição para o lugar da negociação.
- A autoavaliação discente, colaborando para o processo da autonomia e autoria da aprendizagem.
- A metacognição, possibilitando consciência do próprio processo de aquisição do conhecimento e da autorregulação.
- O diagnóstico continuado que permitiu a reparação das aprendizagens não efetivadas para os estudantes e para os professores.
- *Feedback* imediato e permanente, que se configura como condição para a tomada de decisão sobre novos caminhos para a aprendizagem e para o ensino.
- Eficácia, que justifica a utilidade da avaliação para o que esta se propõe na Proposta Pedagógica da Escola.
- Precisão, que possibilita à avaliação retratar a realidade a partir do nível da aprendizagem.

Pontos negativos:

- O processo de avaliação é considerado trabalhoso, o que retrata a necessidade de mais tempo com o estudante e também da revisão de recursos operacionais para a realização deste trabalho. Outra evidência pode ser a necessidade de maior capacitação do professor para o entendimento do próprio processo.

- O pouco tempo disponível do professor para a realização do modelo de avaliação, o que retrata a falta de tempo do professor para dedicar-se a um processo tão minucioso, tendo em vista a necessidade de trabalhar em várias instituições de ensino.

- O risco de falseamento da autoavaliação por parte de alguns estudantes como resultado de falta de maturidade para viver este processo ou da influência do sistema de avaliação de cultura classificatória, centrada na nota final do aluno.

- A falta de amadurecimento e seriedade de alguns estudantes, diante do processo de autoavaliação, que podem estar relacionado à falta de experiência com a cultura da avaliação dialógica.

- A imprecisão na quantificação das faixas de notas, na Ficha de Avaliação da Aprendizagem, que estabelecem intervalos demasiadamente estreitos para a quantificação da aprendizagem.

Observa-se que, dos cinco pontos negativos apontados pelos professores respondentes, quatro deles, ser trabalhoso, pouco tempo dos professores, risco de falseamento na autoavaliação e eventual falta de maturidade de alguns alunos, se referem às circunstâncias de ensino, onde tais aspectos dependem mais de atitudes e aprendizados. O aspecto negativo restante, intervalo demasiado curto na escala numérica da avaliação, é intrínseco ao modelo, pois foi estabelecido *a priori*, como regra do sistema de avaliação. A superação deste aspecto negativo depende de uma reflexão do corpo docente e da coordenação pedagógica tendo em vista a tomada de decisão.

A concepção e a prática da avaliação do Ensino Fundamental II utilizada na Escola Oga Mitá são de boa qualidade e se alinham com os preceitos explícitos por autores contemporâneos estudiosos de avaliação. E, ainda atende ao que está posto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº 9.394 (BRASIL,

1996) no que se refere à concepção e finalidades de Avaliação da Aprendizagem Escolar.

Como conclusão desse estudo avaliativo, é possível reconhecer que, tanto a teoria quanto a prática da avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental II, da Escola Oga Mitá, correspondem à concepção de avaliação presente no Regimento Escolar (OGA MITÁ, 2010b) e na Proposta Pedagógica da Escola Oga Mitá (OGA MITÁ, 2010a).

5.2 SUGESTÕES

Com o intuito de contribuir para o aperfeiçoamento do sistema de avaliação da aprendizagem, no Ensino Fundamental II, da Escola Oga Mitá, sugere-se que:

1) sejam oferecidos mais encontros de estudos para atualização dos docentes, não só no tema “Avaliação da Aprendizagem”, mas, também, em “Aprendizagem”;

2) sejam realizados grupos de estudo para a discussão do modelo de avaliação da aprendizagem utilizado hoje pelo Ensino Fundamental II para troca das experiências que deram certo, visando o ajuste de alguns aspectos apontados como frágeis pelos respondentes;

3) seja implantado um processo de familiarização da avaliação da aprendizagem no ingresso dos alunos novos;

4) a prática da autoavaliação discente aconteça com mais frequência, gerando maior intimidade do estudante com essa prática de avaliação;

5) seja criado um grupo de trabalho composto por professores deste segmento de ensino para elaborar as normas para a recuperação da aprendizagem;

6) se invista na cultura da avaliação como diagnóstico junto aos discentes e suas famílias, visando assegurar maior legitimidade desse modelo de avaliação;

7) seja estudada a possibilidade de implantação de um sistema *on-line* de avaliação, utilizando a Plataforma *Moodle*, já existente na escola;

8) se elaborem objetivos consensuais para a Ficha de Avaliação, no ambiente do domínio socioemocional, para o Ensino Fundamental II, visando maior unidade na formação cidadã dos estudantes;

9) se realizem as revisões do Projeto Pedagógico da escola e do Regimento Escolar, em função das inovações já implantadas na avaliação da aprendizagem.

A autora propõe que as sugestões apresentadas sejam disponibilizadas à comunidade escolar para análise, discussão e eventuais tomadas de decisão.

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Thomas. *As melhores escolas: a prática educacional orientada pelo desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL, Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. [*Diário Oficial da República Federativa do Brasil*]. Brasília, DF, 20 dez. 1961.
- BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. [*Diário Oficial da República Federativa do Brasil*]. Brasília, DF, 12 ago. 1971.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- CHIANCA, Thomaz; MARINO, Eduardo; SHIESARI, Laura. *Desenvolvimento e cultura de avaliação em organizações da sociedade civil*. São Paulo: Global, 2001.
- ELLIOT, Ligia Gomes; HILDENBRAND, Lucí, BERENGER, Mercêdes Moreira. Questionário. In: ELLIOT, Ligia Gomes (Org.). *Instrumento de Avaliação e Pesquisa: caminhos para construção e validação*. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- ESTEBAN, Maria Teresa. *O que sabe quem erra? reflexões sobre avaliação e fracasso escolar*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Vozes, 1982.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HAIDT, Regina Célia Cazaux. *Curso de didática geral*. São Paulo: Ática, 2002.
- LIMA, Elvira Souza. *Avaliação na Escola 1*. São Paulo: Editora Sobradinho 107, 2005.
- LUCKESI, Cipriano C. *Avaliação da aprendizagem na escola*. Salvador: Editora Malabares Comunicação e Eventos, 2005.
- LUCKESI, Cipriano C. *Verificação ou avaliação: o que pratica a escola?*. [S.l., 20??]. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p071-080_c.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2014.
- MANZINI, Eduardo José. *Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros*. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/lsipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2012.

OGA MITÁ: escola. *Proposta pedagógica*. Rio de Janeiro, 2010a.

OGA MITÁ: escola. *Que escola é essa?*. Rio de Janeiro, 2012. 1 CD de dados.

OGA MITÁ: escola. *Regimento escolar interno da Escola Oga Mitá*. Rio de Janeiro, 2010b.

PENNA FIRME, Thereza. Avaliação: tendências e tendenciosidades. *Ensaio*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-12, 1994.

RIBEIRO, Célia. Metacognição: Um apoio ao processo de aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 109-116, 2003.

SÁ EARP, Maria de Lourdes. Observação. In: ELLIOT, Lígia Gomes (Org.). *Instrumentos de avaliação e pesquisa: caminhos para construção e validação*. Rio de Janeiro: WAK, 2012.

SARAIVA, Ana Elizabeth Tourinho. *Supervisão escolar e avaliação diagnóstica*. 2007. Monografia (Especialização em Supervisão Escolar)-Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Angela Carrancho da. Entrevista. In: ELLIOT, Lígia Gomes (Org.). *Instrumentos de avaliação e pesquisa: caminhos para construção e validação*. Rio de Janeiro: WAK, 2012.

TEIXEIRA, Josele; NUNES, Liliane. *Avaliação Escolar: da teoria à prática*. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Planejamento: projeto de ensino aprendizagem*. São Paulo: Libertad, 1995. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad - 1).

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Superação lógica classificatória e excludente da avaliação*. São Paulo: Libertad, 1998. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad - 5).

VILELA, Cláudia et al. *Referencial para avaliação do ensino e da aprendizagem - Programa de formação e educação à distância: caderno do professor*. Belo Horizonte: Rede Sagrado, 2010.

WORTHEN, Blaine R.; SANDERS, James L.; FITZPATRICK, Jody R. *Avaliação de programas: concepções e práticas*. São Paulo: Ed. Gente, 2004.

APÊNDICES

**APÊNDICE A - Questões Elaboradas para a entrevista com o Diretor da
Escola Oga Mitá**

- 1) Você pode descrever o marco conceitual do Projeto Pedagógico da Escola Oga Mitá?
- 2) O Projeto Pedagógico da Escola Oga Mitá define cinco princípios pedagógicos. Fala em cooperação, afetividade, comunicação e registro e insere também a cidadania. Você pode falar um pouco mais sobre cada um deles?
- 3) A Escola Oga Mitá é uma escola com 35 anos de existência. Como foi a evolução da Proposta Pedagógica da escola?
- 4) Quais são as finalidades e os objetivos do Ensino Fundamental II na Escola Oga Mitá?
- 5) Qual a concepção de avaliação presente no Projeto Pedagógico da Escola Oga Mitá e como é a avaliação no Ensino Fundamental II?
- 6) Você acha que, pela vivência desse modelo de avaliação, os estudantes da Escola Oga Mitá, têm uma relação diferente com prova, com exames, com a própria avaliação?
- 7) Você poderia falar sobre o processo de autoavaliação?
- 8) Há mais alguma coisa que você ache importante e que eu não tenha perguntado?

APÊNDICE B - Questionário para os Docentes do Ensino Fundamental II da Escola Oga Mitá

1- Dados de identificação

Data:

Formação:

Pós-graduação:

Tempo de exercício no magistério:

Tempo de exercício na escola Oga Mitá:

Tempo de exercício no ensino fundamental II, na escola Oga Mitá:

Disciplina(s) em que atua:

Séries em que atua:

Carga horária total na escola:

II – Questões centrais

- 1) Como você descreveria a pedagogia da Oga Mitá? (quais os elementos mais importantes)?
- 2) Como você vê o processo de avaliação na escola Oga Mitá, no Ensino Fundamental II?
- 3) Você pode descrever as etapas do processo de avaliação da aprendizagem, no Ensino Fundamental II, da escola Oga Mitá?
- 4) Na sua percepção, quais são os aspectos positivos desse modelo de avaliação da aprendizagem?
- 5) E os aspectos negativos?
- 6) Na sua percepção, quais são os aspectos positivos da autoavaliação discente no processo de avaliação da aprendizagem do estudante?
- 7) E os negativos?
- 8) Você conhece a proposta pedagógica da escola Oga Mitá, no que tange ao item Avaliação da aprendizagem?
- 9) Na sua opinião, em que medida como o processo de avaliação da aprendizagem atende à proposta pedagógica da escola Oga Mitá?
- 10) Que sugestões você daria sobre esse assunto?

ANEXO

ANEXO A - Ficha de Avaliação do Primeiro Trimestre de 2013

Componente Curricular: Ciências

Professor: D

Turma: Waimiri Atroary

Estudante: R

Indique a quantidade de objetivos trabalhados em cada trimestre:

1º Trimestre:	22
---------------	----

NOTA	96
------	----

Legenda:

Nível 5	Nível 4,5	Nível 4	Nível 3,5	Nível 3	Nível 2,5	Nível 2	Nível 1,5	Nível 1	Nível 0,5	NOTAS			
100%	90%	80%	70%	60%	50%	40%	30%	20%	10%	80	96,4	0	96

		OBJETIVOS	1º TRIMESTRE			
			Est	Prof	Rec	CF
	1	Preocupo-me com atitudes que podem interferir no ambiente.	4,5	4,5		4,5
	2	Faço as tarefas no prazo combinado.	4	5		5
	3	Dedico-me para realizar as tarefas bem feitas.	4,5	4,5		4,5
	4	Colaboro para o bom andamento da aula.	4,5	4,5		4,5
	5	Sou cooperativo no trabalho em grupo.	4,5	4,5		4,5
	6	Sei ouvir e esperar a vez de falar.	4,5	5		5
	7	Tenho sempre comigo o conjunto de materiais básicos necessários para o estudo	5	5		5

	8	Participo efetivamente de um ou mais Projetos de Ciência	4,5	3		3
	9	Enumero os princípios da Teoria Celular.	3,5	5		5
	10	Conheço a estrutura geral de uma célula procariótica e de uma célula eucariótica.	4	5		5
	11	Identifico a origem e composição química de uma célula.	3,5	5		5
	12	Discrimino características gerais dos seres vivos.	4	5		5
	13	Reflito a respeito da origem da vida na Terra.	4	5		5
	14	Diferencio a Teoria da Abiogênese e da Biogênese.	4	5		5
	15	Diferencio as ideias de Lamarck das ideias de Darwin e Wallace para explicar a evolução das espécies.	3	5		5
	16	Reconheço a importância da classificação no estudo dos seres vivos.	4	5		5
	17	Compreendo a classificação de Lineu e a nomenclatura binomial.	3,5	5		5
	18	Defino Espécie.	3	5		5
	19	Conheço a classificação geral atual dos Seres Vivos.	3,5	5		5
	20	Identifico as principais características da estrutura dos vírus.	4	5		5
	21	Conheço as etapas da reprodução de vírus.	4	5		5
	22	Identifico algumas viroses, causas, sintomas e prevenção.	4	5		5